



CASA DE SANTOS

Disponibilização e Revisão Inicial: Mimi

Revisão Final: Angélica

Gênero: Hetero / Sobrenatural



Em 1890 Londres, a jovem Simone Baden fica com a responsabilidade de seus dois irmãos. Ser uma mulher de cor, com muito pouca experiência, não pode fornecer para eles através de meios honestos e logo está desesperada. Das mulheres na pensão, ela ouve de um bordel que atende aos seres sobrenaturais incomuns. Com a dor da fome crescente nas barrigas de seus irmãos e da ameaça de despejo iminente, ela não tem escolha, além da troca de seu corpo e de liberdade.

Eravas Lilu é um antigo espírito do desejo que se destaca no que faz, ensinando as artes do prazer para as mulheres, mas Simone é diferente. Com um ajudante masculino e feminino, o ensino decadente segue para moldar seu cargo em Madalena. Encantado com sua beleza interior, ele se encontra em uma encruzilhada.

Ele deve deixar sua nova profissão levar sua alma, ou desistir de sua própria em troca da sua...?

Conteúdo: sexo gráfico, incluindo m / m / f, f / f / m, e m / f. Disciplina.

Glossário

Advogado - Um advogado que está qualificado para representar clientes perante os tribunais superiores de direito em Inglaterra e País de Gales.

Procurador - Prepara documentos legais e presta assessoria jurídica. Alguns também podem representar clientes em tribunal.

Cintura – espécie de blusa de uma mulher que foi referida como uma cintura no período vitoriano.

COMENTÁRIOS DA REVISÃO

MIMI

Maravilhoso. Quando me falaram desse livro a primeira coisa que vi foi a capa. Amei!!!! Então olhei a sinopse e pensei parece bom, mas é de 1800 e lá vai fumaça. Aí me disseram pra ler e me deram ótimas recomendações. Bom, tenho a dizer que não me arrependi. Apesar de ser de um tempo muito, mas muito antigo os personagens são bem avançadinhos. Kkkkkkk Eu queria ter tido umas aulas com Eravas. Nossa que molhou todas as minhas calcinhas!!!!!!!!!! Leiam é muito hot.

ANGÉLICA

Caracas!! O autor (acredito ser homem) foi muito bom nas aulas que deu a Simone, muito elucidativas. Muito quente, mas queria mais, tinha enredo para mais. Eravas é TDB. E daí que ele é... sei lá o que? Teria acesso ilimitado comigo. kkk

Capítulo 21m

Pecados de Desespero

01 de outubro de 1890

Simone Baden segurou a mão de seu irmão Charles, com um aperto em torno. A sombria rua do centro de Londres fervilhava de pedestres. Um estreitamento amargo do ar úmido frio soprava através de sua capa desgastada. Devido às nuvens pesadas, quase pareceu uma sombra.

"Eu vou ficar bem." Charles repetiu a ela.

Preocupação tensa em seus ombros. Desde a semana passada, quando um homem tinha chutado seu irmão mais novo e dito a ele para conseguir um emprego em um reformatório, não estava ansiosa para concordar em deixá-lo executar. Ela interveio e tomou o golpe de guarda-chuva do homem nas suas costas, mas temia não obter isto a tempo. E se alguém machucá-lo novamente? Mas, desta vez mais grave do que a anterior? Ela era a mais velha, tinha 20 anos, e não poderia sustentar seus irmãos mais novos. Algo pequeno, simples que tinha procurado colhia um fluxo estável de renda para alimentar e abrigar seus irmãos e a si mesma. Fazia dias que eles tiveram mais que pão velho. No entanto, nada disso importava, neste exato momento, ela precisava estar afiada para garantir a segurança de Charles.

"Eu sei, porque não vou deixar nada acontecer com você." Essa foi uma promessa que não iria quebrar. Nem ao seu pai, a quem tinha jurado em seu leito de morte. Nem a Deus, a quem rezou para a proteção de Charles e Louis. Nem para si mesma. Charles era o mais novo, e senhores e senhoras poupariam uma moeda para um desempenho de sua voz de soprano. Seu tom era como a de um serafim. Pelo menos a trouxe para o céu, sempre que o ouviu cantar. Foi uma bênção que ele deve estar usando em um coral da escola, mas que foi outro item que ela não conseguia sustentar seus irmãos.

Charles sorriu para ela. Ela correu para se esconder no prédio, não mais do que alguns metros de distância, de modo que pudesse alcançá-lo com pressa.

Seu irmão começou a cantar e transeuntes sorriram. O sol brilhava através das nuvens grossas só para ele. Ele dançou junto com a melodia e a multidão parecia satisfeita. Quando terminou sua canção, uma senhora bem vestida em uma capa vermelha aproximou-se e entregou-lhe alguns tostões.

Eles não se atreveram a serem gananciosos. Saiu pela parte de trás do grupo reunido. Ela ouviu o apito de um homem da guarda. Ela tinha ainda de encontrar um, ou um com inteligência, embora tivesse esperança que a aplicação da lei existia.

O homem uniformizado levou Charles pelo colarinho e levantou-o.

Ela correu para eles. "Por favor, senhor, ele é um menino."

Ele pegou o dinheiro das mãos de seu irmão. Charles preparou para lutar de volta.

No entanto, quando seu irmão viu o olhar em seu rosto, ele apertou os lábios bem fechados e cruzou os braços sobre o peito.

"Esta gentalha aqui está em sua responsabilidade?" Os olhos redondos do homem grande examinaram-a quando lançou seu irmão.

Charles mudou-se para o lado dela e apertou sua saia.

"Sim, meu senhor." Ela recuou, empurrando-o para trás a segurança relativa de sua saia.

Ele lambeu os lábios, molhando-os. "Se você me der um beijo, vou dar o menino de volta a sua moeda." Ele se moveu para mais perto. Quando ele abriu a boca, o cheiro pungente de licor explodiu em seu rosto. Ela estremeceu em desgosto. Se não cumprisse o seu pedido, não tinha dinheiro para dar ao homem na pensão e ele iria colocá-los na rua. Louis estava na cama com febre.

Ele a prendeu entre a parede e seu corpo. Seus lábios revestidos de saliva pressionados aos dela. Ela cerrou os dentes em desgosto.

Com um sorriso, ele entregou a Charles suas moedas. "Se você jogar de moça boa, tenho mais no meu bolso." Ele alcançou a desabotoar as calças. "Lábios como o seu podem ser úteis. Dê ao meu cassetete um beijo."

A implicação não foi perdida por ela. Ela girou livre de sua embreagem úmida, agarrou a mão de Charles, e correu.

O homem da guarda agarrou seu braço. "Você vai estar de volta."

Não se ela pudesse ajudá-lo.

Nem uma palavra passou entre os irmãos no caminho para Cabo Street em Limehouse. Apenas um ritmo constante. Quando chegaram à pensão, ela se debruçou sobre a pedra suja. Seu estômago se revoltou. Curvou ao lado do prédio e soltou.

"Sinto muito, Simone." Charles esfregou suas costas.

Seu pai e irmãos a amavam como um deles. "Não sinta, rapaz. É só os meus nervos."

Os dois fizeram o seu caminho para dentro do prédio. No primeiro andar, ela entregou as moedas para o Sr. Pilsner.

"Vai tomar mais do que isso...."

"Eu sei que haverá mais amanhã. Eu prometo." Ela se recusou a cumprir o seu olhar atento.

"Sra. Pilsner vai estar na igreja no domingo às 10. Venha e nós podemos discutir outros tipos de pagamento para o seu atraso. "

Charles abriu a boca, e ela colocou a mão enluvada sobre ele.

"Isso é muito gentil da sua parte." Em seguida, continuou até seu quarto e deixou Charles ir.

Ele e Louis colheram no final do pão, mas ela não teve coragem de comer. Em vez disso, lavou a boca com sabão. Ela encolheu num canto da janela com um papel amassado. Uma lista cruzada. Doméstica. Garçonete. As lavanderias. Nenhum deles queria uma mulher de sua tez. Bordéís. Nenhum dos lugares decentes sequer olhou para ela. Ela tinha ouvido falar de um lugar que se adaptava ao estranho. Um estabelecimento que podia estar à procura de uma mulher exótica.

Seus irmãos deitaram na cama. Nem reclamaram, mas só havia uma local inferior a isto. As ruas. Mesmo o rato sob a cama não levaria uma migalha do pão velho. Ela não levaria os homens na rua, em um beco. As meninas no internato que fizeram muitas vezes voltavam espancadas, ou ficavam doentes com bolhas. Após o caso Ripper, as ruas eram simplesmente demasiadas de um risco. Se algo acontecesse a ela, Charles e Louis iriam acabar em um orfanato ou asilo. Os pobres meninos.

Capítulo Dois

A santidade de Simone

Simone agarrou a saia com mãos trêmulas, enluvadas. Rico de textura canela e ouro padrão escocês – papel de parede estampado adornava o salão luxuoso.

Isto a golpeou quão estranho que não havia janelas.

Uma lâmpada de querosene sobre a mesa de mármore ao lado dela era a única luz no quarto, deixando cantos no escuro. Pinturas de mulheres e homens, com nenhuma única parte de seus corpos cobertos, penduradas no trilho imagem.

Calor correu para os topos de suas bochechas. No entanto, ela não deixaria que a sua falta de exposição a tais amostras mudassem de ideia. Ela ajustou a saia lisa. Esta não estava desgastado, nem tinha lágrimas como todas as suas outras. Sua cintura inchada manga-branca não tinha uma mancha, o seu melhor de domingo. Os itens haviam sido dados a ela alguns anos depois que a esposa de seu pai morreu. Parecia ruim usar para esse fim. Mas não tinha mais nada decente. Não que o trabalho era tal coisa.

"Por isso, o terceiro dia de Outubro do ano de 1890, eu, Simone Baden, vou negociar o meu corpo e liberdade para manter um teto sobre as cabeças de meus irmãos mais jovens Charles e Louis, e impedi-los de passar fome. Faço esta decisão sem arrependimento ou malícia em direção a eles. Senhor, por favor, perdoe-me como eu vou pecar." Ela sussurrou baixinho. Esta foi uma das últimas orações que fazer antes, também se tornou uma pecadora.

A porta se abriu. Olhos da mais bonita senhora que ela já tinha colocado, em seguida a mulher gorda que a escoltou dentro. A mulher tinha pele de porcelana com traços delicados, olhos azuis a sombra do céu em um dia ensolarado, e uma boca cheia revestida em vermelho. Camadas e camadas de veludo vermelho plissavam em torno dos contornos de seu corpo. Ela empoleirou na borda do assento ao lado de Simone e colocou mãos brancas de rendas de luvas no colo. Cachos dourados da mulher foram arrastados em cachos soltos e manteve a coroa de sua cabeça.

Uma mulher alta e magra entrou carregando uma bandeja com chá, que colocou sobre a mesa entre eles. "Devo servir, minha senhora?"

"Não, obrigada. Isso é tudo Grace e Hope." Ela olhou por cima do ombro, observando as duas servas saírem do quarto e fechar a porta.

Na parte de trás da sala a porta abriu e fechou. Um sorriso malicioso curvou nos cantos dos lábios da mulher.

Uma cadeira rangeu atrás deles e um homem limpou a garganta.

"Eu pedi ao meu sócio para se juntar a nós. Ele irá avaliar a sua adequação. Você pode se referir a ele como Eravas."

Mais cedo ou mais tarde, Simone precisava crescer acostumada a se sentir desconfortável. "Sim, senhora." Ela sabia como a mente dela 'p' e 'q' era. Não faça muitas perguntas e não exatamente como disse. Tudo o mais que se resolva.

"Seu nome?" A mulher encontrou seu olhar.

"Simone Baden, senhora."

"Você pode se referir a mim como Saint Verônica." Ela trancou seus dedos longos e elegantes juntos. "Você sabe que tipo de serviços meu estabelecimento oferece?"

Ela assentiu. Na verdade sabia. "Companhia das mulheres em troca de dinheiro."

Uma risada profunda explodiu atrás dela do homem. A inflexão de sua voz de barítono provocou uma sensação incomum. Calor vibrou dentro dela. Ela sabia que ele estava lá, mas ainda tinha que vê-lo.

"Eles pedem muito mais do que a nossa companhia." A mulher deslizou os cantos de sua boca em um sorriso. "Você pegou o meu significado?"

"Eu faço, Saint Verônica." Simone assentiu.

"Muito bom, mas você também deve estar ciente de que meus clientes são diferentes e exigem o anonimato total e completo. Se eu oferecer-lhe emprego, você deve andar longe da vida que tem."

Não havia muito de uma vida para deixar e se afastar. Somente o bem-estar de seus irmãos importava agora. As mulheres na pensão tinham sido muito claras sobre o que esses

clientes queriam. Algumas delas eram insondáveis... relação anal. Ela estremeceu. Elas foram igualmente claras sobre o que ela iria ganhar financeiramente.

Embora não tivesse certeza do que Saint Verônica significava 'diferente', que tinha ouvido rumores. Criaturas do mal. Adeptos do próprio Diabo. Era difícil saber o quanto da conversa foi um exagero. Ela nunca cruzou o mal cara-a-cara.

Pelo menos não que conhecia. Rezou para que nunca fizesse.

"Você deve ser muito bem recompensada por seu sacrifício pelas carteiras dos seus clientes e de seus talentos." Os olhos da mulher brilhavam de alegria.

Por um momento, ela tinha certeza de que tinha ouvido mal. De que maneira possível, além de financeira, poderia seus clientes recompensá-la? Ela não iria permitir que eles usassem seu pacto com o Diabo, para conquistar sua juventude e beleza eterna. Não que ela iria pedir por mais detalhes. Não importava muito. Saint Verônica, com sua beleza natural, pode ser uma criatura.

"Simone, levante-se. Enfrente-os e dispa-se." O homem ordenou na parte de trás da sala.

Quando ela se levantou, reuniu um aceno de cabeça. É claro que eles gostariam de ver sua mercadoria antes de oferecer seu emprego. Será que a cicatriz nas costas os levaria para transformá-la fora? Se sim, onde iria em seguida? Eles poderiam querer uma amostra, também. Ela esperava que a inexperiência não frustrasse o negócio também. De alguma forma, encontraria a força dentro dela para fazê-lo através disso também. Ele foi provavelmente o melhor se ela não tomasse nota de sua inocência. Ela girou em direção a Saint Verônica e Eravas.

Ele estava escondido em um canto escuro, com o rosto escondido por um véu negro da sombra.

Porém, ela não podia vê-lo, as sombras desde um esboço de sua grande estatura. Ele apoiou as maciças, mãos imaculadas sobre os braços da cadeira.

Obviamente, um cavalheiro, ele provavelmente não tinha visto um dia de trabalho duro em sua vida.

Para abafar seus arredores, ela se concentrou em uma pintura de uma mulher nua em um sofá. A figura voluptuosa da mulher ferida em linhas suaves.

Um rubor polvilhou sobre ela.

Ela soltou o broche do pescoço de sua cintura e colocou-o em seu lugar vago.

Saint Verônica serviu o chá, acrescentou uma fatia de limão, e levantou a taça aos lábios.

Aparentemente, para eles, tendo Simone se despindo não era fora do comum.

Ela soltou o colar da cintura, correu o dedo para baixo dos botões do corpete inclinado, e removeu o tafetá duro.

Na pintura, os lábios da mulher se separaram, os olhos arregalados, olhando para cima.

Chegando por trás dela, Simone lançou sua saia, saiu e colocou-a sobre a parte de trás da cadeira ornamentada que foi sentada dentro.

Saint Verônica tomou um gole de chá, expressão inalterada. Eravas permaneceu escondido no canto mais distante. Bem, ela não poderia dizer exatamente o que ele estava fazendo, mas não se moveu.

Uma semana atrás, não poderia imaginar que estaria em uma sala, tirando a roupa para dois estranhos. A morte do pai mudou tudo isso.

Embora ele não deixasse dinheiro, ela teve sorte que a tinha deixado sem dívidas. Na semana passada, seu pecado havia sido o orgulho. Agora ela tinha dois meninos para alimentar.

Puxou a corda de sua saia, que combinada aos seus pés, em seguida, colocou-a cuidadosamente sobre a pilha. Puxou solto o laço de sua cobertura espartilho. Melhor acabar com isso rapidamente. Em seguida, trabalhou nos cordões de seu espartilho, tecendo seus dedos através das amarras, e libertou-se. Quando tirou a enghoca, ela respirou fundo. Ar encheu seus pulmões. As pontas de seus montes voluptuosos endureceram, como os da mulher na pintura. Ela levantou a camisa, expondo seus seios nus, e jogou o tecido para a pilha.

"Uma máscara bonita de rosa escuro." Saint Verônica disse. "Assim como alegre e completa."

Como se tê-los olhando para ela não fosse forte o suficiente, eles comentaram também.

Calor queimou seu rosto com um rubor. Ela desabotoou seus culotes, baixou-lhes as pernas, saiu, e colocou-os com os outros.

"Absolutamente esplêndida, não concorda?" Saint Verônica virou-se para o homem no fundo da sala.

Ele segurou os braços da cadeira e se levantou. A cada passo, ele se aproximava, as sombras desapareceram até que a luz brilhou em seu rosto. Sua expressão estava em branco. Os centros de seus olhos profundos e os anéis ao redor deles eram negros como carvão. Ele a examinou. A estrutura óssea forte definia testa pesada, nariz pronunciado, e queixo quadrado, que foi atenuado por uma boca cheia e rosa. Ele passou por ela e inclinou seu corpo para trás.

"As costas ainda posterior firme, uma cintura afilada, e cheia nos quadris." Ele inalou profundamente atrás dela.

Um arrepio percorreu ao longo de sua coluna vertebral. Ela sentiu como se tivesse respirado em sua essência, expondo-a ainda mais.

"Você já tomou sua decisão, Saint Verônica." Ele veio ao redor do lado dela e colocou a mão em seu queixo. "Minha opinião é desnecessária."

"Mas eu quero todos iguais."

"Muito bem. Eu acredito que ela vai ser problemática."

"Mas a sua alma é tão pura." Ela sorriu. "Você sabe como ele ama recolher essas."

Quem recolhia almas? Quem ele era, a dela não estava disponível.

"Como eu disse, você realmente não quer a minha opinião. Ela estará informando as três manhãs, portanto, às dez horas em ponto para eu começar sua instrução na arte de rendição." Ele girou, marchando em direção à porta, e parou. "Ela está intocável."

Como ele poderia saber? Se esta era a sua maneira de convencer Saint Verônica, não foi um bom jogo. Simone pretendia protestar ao contrário.

"Um leilão iria reunir um grande interesse dos clientes e potenciais novos, se tal esforço iria agradá-la." Ele se curvou. "Não explicaria o meu sentido à coitadinha, antes que ela assine os documentos e seja paga."

Que não tinha sido o que ela esperava que ele dissesse. Ainda perplexa pela forma como ele sabia, ela empurrou a questão para o lado.

Quando ele saiu do quarto, Saint Verônica sorriu. "Há homens que são bestas e bestas que são homens. Podemos atender a este último."

Que lhe deu motivo para preocupação. "Eu não tenho certeza se entendi o seu significado."

"Você vai em breve, querida. Por enquanto, apenas deixe a possibilidade de que toda criatura escrita em cerca de mitos através dos tempos existe. Deixe que cozinhe em sua mente."

Toda criatura? Talvez não todos eles frequentassem a Casa de Santos. Se acontecesse, alguns podem não ter interesse em seus serviços, o que lhe convinha.

"Você não teve amantes? Nenhuma mulher ou um homem?" Saint Verônica estreitou os olhos no escrutínio.

Uma mulher? Mendigos não poderiam escolher. Ela balançou a cabeça.

"Isso faz de você um muito raro achado, de fato. Uma mulher de sua tez acobreada, totalmente desenvolvida na idade e ainda virgem, deve criar um frenesi de licitação para violar a sua virgindade."

Calor queimou as bochechas de Simone.

"Se você concordar com o leilão, vou adiantar o pagamento da inscrição de seus irmãos para o internato e ver a questão do atraso da pensão."

"Como você sabe disso?"

"Eu faço o meu negócio de saber. Há aqueles que fariam qualquer coisa por meu mestre. Não temos um acordo, Simone?"

"Sim." Não importava que Saint Veronica dissesse as circunstâncias que levaram Simone lá. Ela não poderia voltar atrás.

"Nem mesmo um momento de hesitação?" Ela arqueou uma sobrancelha perfeita.

Simone sacudiu a cabeça. A oferta era mais do que podia ter sonhado.

Ela não tinha ideia do que ia fazer com Charles e Louis ou até que ela tivesse guardado o dinheiro para inscrevê-los com segurança na escola. A oferta de Saint Veronica esclarecia tudo.

"Muito bem. Eu vou lidar com a administração através do meu banqueiro. Não importa as nossas tentativas para cobrir a sua linha de trabalho, de repente você tem fundos e vão levantar as sobrancelhas e isso é algo que você vai aprender a lidar com eles. Eventualmente, alguns indivíduos se tornarão conscientes. Você deve chegar com os meninos, mas eles nunca vão entrar nas instalações. Eu poderia enviar um advogado, mas eu os detesto. Meu advogado trata todos os assuntos relacionados com os seres humanos para nós. Ele vai ver os seus irmãos fora de sua escola, para garantir que você diga adeus em seu caminho até aqui."

Simone assentiu. "Eu vou poder vê-los?"

"Algumas vezes durante o curso de cada ano, até que tenham completado sua escolaridade."

"Obrigada." Naquele momento, ela podia dançar e cantar a partir dos telhados. Iria encontrar sua força no conhecimento de que Charles e Louis seriam poupados de mais dificuldades. Apesar do fato de que ela estava prestes a vender seu corpo e liberdade para o diabo mais bonito que já tinha visto.

"Eu a adverti para guardar suas emoções quando se trata de Eravas. Muitas mulheres muito mais experientes foram vítimas de seus encantos e foram deixadas com o coração em ruínas. Seu trabalho é ensinar a todos aqueles que entram em minha posse, e qualquer bondade que ele demonstrar é simplesmente um produto de seu papel." Ela encolheu os ombros.

Simone quase deu de ombros, mas se conteve. Embora não tivesse experiência, ela tinha um olho afiado para as pessoas e seu comportamento. Seu pai sempre lhe disse que tinha os olhos de um predador equilibrado por um coração justo. Uma combinação muito prática. Nem as ideias de uma estudante boba, mas ela nunca tinha ido para a escola e não sabia muito sobre esses tipos de garotas.

Se apenas Saint Verônica realmente conhecesse Simone, a mulher não se preocuparia.

Capítulo Três

A Arte da rendição

Lição Um

Simone chegou ao portão às dez afiada com Charles e Louis na mão.

Nenhum deles tinha falado uma vez que tinham virado sobre a pista. Cada menino levou um balde esfarrapado com os poucos pertences que tinham conseguido salvar, quando eles deixaram o aluguel onde viveram com o pai. Um carro os esperava e um homem alto, de cabelos escuros saiu, seguido por um homem esbelto.

"Eu sou Clifford Claiborne, advogado de Saint Verônica, e Edward Elliot é o procurador que eu envolvi para nos acompanhar." Ele apontou para o elegante de cabelos claros ao lado dele. "Vou ver os jovens mestres Baden ao seu destino, na Cornualha. A eles também foram fornecidos novas malas, roupas e material escolar." Com a mão, ele penteou para trás seus cabelos.

"Prometam que vocês vão escrever-me?" Ela perguntou aos seus irmãos.

Ambos assentiram, mas não encontraram o seu olhar.

Charles passou os braços em volta dela e chorou. "Por favor, não faça isso, Simone. Eu posso cantar."

Lágrimas queimaram os cantos de seus olhos. "Não. Charles. Eu quero que você estude muito e se torne o que seu coração desejar. Vou ter orgulho de você." Ela o abraçou apertado.

Louis colocou os braços em volta de ambos. "Eu vou cuidar dele."

"Eu sei que você vai. Você é um bom irmão." Ela beijou sua cabeça. "Agora vão!"

"Eu vou te ver uma vez que o inverno chegar."

Charles seguiu Louis, subindo no carro esperando.

Ela acenou enquanto se afastavam. Os meninos estavam nas mãos de Deus agora e ela também. Ela torceu e entrelaçou as luvas nas mãos. *Por favor, deixe que a minha decisão seja a correta.*

A porta de trás abriu. Ela não foi recebida por Eravas, mas sim por uma mulher jovem, Hope. Ou era a Grace? Simone tinha estado tão sobrecarregada na sua primeira visita, que não se lembrava. A doméstica levou-a subindo as escadas traseiras para ser banhada, cutucada, estimulada e, em seguida, enfiada em um vestido rosa mais bonito. Ela mal reconheceu o seu próprio reflexo no espelho. Nem podia respirar em seu espartilho bem atado. O corpete duro restringiu seu movimento ainda mais.

Agora sozinha na sala, o relógio de pêndulo na prateleira montada balançou no *tic-tac*.

Ele se aproximou das quatro da tarde. Ela brincava com os botões de pérola em forma de sua luva de renda branca.

A porta se abriu. Eravas entrou então se sentou ao lado dela. Ontem à noite, quando ela colocou os irmãos na cama, orou para que seu tutor não fosse o tipo de homem que tinha o prazer na dor dos outros. Qualquer outra indignidade que sofresse não iria matá-la.

"Hoje é sua primeira aula. Mas, antes de chegar a sua educação, vamos começar com as regras, que são as seguintes. Um: você deve me obedecer em todas as coisas. Dois: você deve me contar tudo. Você entendeu?"

A primeira parecia bastante simples, mas a segunda seria mais difícil. Embora ela não tivesse a intenção de dizer isso a ele. "Sim, meu senhor."

"Muito bom. Como muitos dos nossos clientes têm habilidades além de sua compreensão, eles serão capazes de dizer se você não tem prazer nas atividades que compartilham com você. Muitos vão chegar a um nível mais elevado de felicidade se, também, buscar o prazer físico a partir da troca." Ele olhou para longe, depois de volta para ela. "Por essas razões, vou começar com a arte de rendição."

Ela era bem versada sobre este assunto. Sua juventude foi cheia de tais atos.

"O que significa render-se, Simone?" De seus lábios para o ar, o seu nome permaneceu como uma brisa quente contra sua pele.

"Para fazer o que disser." Uma habilidade que ela aperfeiçoou, mesmo em meio a direção vaga e desorientação da esposa cruel de seu pai. Ela trancou os dedos.

"Não." Ele bufou. "O tipo de rendição que estou me referindo é render-se à influência ou poder de outro. Rendimento no sentido de dar... dar livremente, sem reservas."

Será que os clientes esperavam ou acreditavam que prostitutas tinham prazer nos atos que compartilhavam com estranhos? Mesmo se tinham que ter suas ilusões, parecia.

"Do jeito que você está sentada, eu sei que está desconfortável." Ele apontou para a sua postura. "Seus dedos estão presos juntos. Você evita os olhos. Assim como eu peguei a estes sinais, assim os seus clientes. A única maneira de resolver isso é você aprender a se render."

Ela não estava mais ou menos à vontade com ele do que estava com outra pessoa, que não era nada.

"Quando você está com um cliente, ele deve se tornar a pessoa mais importante para você. Você deve render-se ao desejo por ele, do jeito que ele a quer, e às vezes não significa querê-lo também."

O cliente torna-se a pessoa mais importante para ela, entendeu. Mas o que ele disse depois? "Eu não segui a última parte."

"Deixe-me dar-lhe um exemplo. Alguns clientes podem querer que você jogue de inexperiente, tímida, ou reprimida. Quando tocam em você, eles querem que você escorregue para o papel de amante relutante afastando avanços iniciais, mas quando o encontro progride, você começa a desfrutar da troca sem ativamente alternativa."

"Você deve se tornar excitada e encontrar o prazer de seus desejos. Para que isso aconteça, você vai se render à influência de sua experiência. Uma vez que você sucumbiu às suas necessidades, você vai encontrar o prazer, também."

Como ela poderia encontrar prazer em ser tocada por estranhos quando mal podia suportar ser acariciada por aqueles que ela conhecia? Ela nunca tinha ouvido falar de um homem se preocupar com o prazer de uma mulher na cama. Talvez ele se referisse as clientes mulheres.

Ele levantou-se, ergueu a cadeira ao lado dela, colocou-a na frente dela e sentou-se novamente. "O que causou a cicatriz em suas costas?" Ele olhou em seus olhos.

Será que ele precisa trazer sua desfiguração? Um flashback para a dor cruel causou a área a coçar.

"Eu não devo falar sobre isso." Ela também não queria. Cruzou os braços.

"Lembre-se da regra numero dois. Não pode haver segredos comigo, Simone. Cada cliente que você vê acabará por perguntar-lhe o que aconteceu. A cicatriz lhe dá uma oportunidade para aprofundar a intimidade e manter o seu poder. Comece!" Ele olhou para ela, sem vacilar.

Ele esperou.

Em muitas ocasiões, ao longo dos anos, ela tinha ido sobre esta resposta, ajustando seu texto. No entanto, de alguma forma, ainda se sentia mal preparada para responder-lhe. "A história que contou aos vizinhos e as autoridades? Ou o que realmente aconteceu."

"A verdade." A palavra pairava sobre ela.

"Eu sou a filha bastarda de Edward Joseph Baden, um capataz de fábrica. Minha mãe, uma mulata que tinha comprado sua liberdade, morreu quando eu tinha sete anos. Se meu pai não tivesse me levado em seu cuidado, eu teria me tornado uma ala da Coroa."

"Colocada em um orfanato. Apesar das objeções de sua jovem esposa, ele me trouxe para casa, sob o pretexto de uma serva para ajudá-la em casa. Sua esposa era amarga e frequentemente levou a me bater. Eu estava limpando as cinzas do fogão a lenha, derramei o conteúdo do balde no linóleo. Ela agarrou o atizador e acertou minhas costas. Eu só removi um fogo ardente. Quando ela levantou o metal da minha cintura, uma faixa de pele surgiu no tecido da minha camisa."

O relógio soou a hora, com quatro batidas distintas.

Os olhos de Eravas procuraram os dela. "Você pode me olhar nos olhos e ainda dentro, seja entorpecido e vaga quando você recontar uma memória dolorosa. Você precisa dar-se mais para o que sentiu. Por mais que eu admire o quão bem você entregou a versão ensaiada, imparcial, não vai atendê-la aqui. Muitos dos que sofreram maus tratos frequentes, por isso, se um cliente perguntar como você teve a cicatriz, eles estão buscando aprofundar a intimidade entre vocês. Você deve atender a sua necessidade."

Com estranhos, no entanto, ela colocou nua a sua alma. Dado, que vendeu seu corpo para Saint Verônica. Em algum nível, fazia sentido que a mulher faria gostos de revenda do seu espírito para outros.

Ele estreitou os olhos. "Você não sente raiva em direção à esposa de seu pai?"

Simone sacudiu a cabeça.

"Por que não?"

"Ela me odiava porque meu pai amava minha mãe e, por extensão, do carinho, ele não me descartou. Em alguns aspectos, ela mais odiava a mim, mais eu sabia quão profundamente o meu pai adorava-me."

Eravas se inclinou para frente, achatando seus cachos de volta, e chegou a outra mão por baixo da saia. "Você é muito gentil e bonita. Mas sabe disso, não é?"

Medo e excitação misturados dentro dela. "Não."

"Então, saberá logo, pela forma como os clientes vão adorá-la." Ele roçou a boca contra a dela. "Quão privilegiado sou eu para ser o primeiro a saborear a sua doçura. Alguma vez você já esfregou a pérola situado entre as suas coxas, no centro dos lábios, até que seu corpo explodiu com um fogo interior?"

Suas palavras giravam em torno dela. Calor correu para a área que ele mencionou. Ela balançou a cabeça.

Ele abriu os joelhos. "Como eu suspeitava, o que significa que você não sabe que todo o alarido é sobre. Escorregue seu traseiro para a beira da cadeira e abra as pernas."

Ela deslizou sua parte traseira para o final do assento e abriu as pernas. Apesar do ato grosseiro, o calor da fenda entre as pernas diminuiu.

Com os dedos, ele roçou-lhe os cachos entre suas coxas, deixando para trás um caminho de fogo.

Uma nova chama consumiu o ápice de suas coxas. Sua prorrogação anterior era de curta duração.

"Eu vou compartilhar toda forma de prazer com você durante a minha instrução, além de entrar no vinco de suas coxas." Ele baixou seu toque para o local molhado.

"Nem a profundidade de sua *bunda*."

Relação anal? Tinha que haver prazer no ato ou as pessoas não o fariam. Mas quem gostava? Certamente o doador e não o receptor.

Ele desceu mais longe. "Pelo menos não até que o concorrente vencedor tenha reivindicado você. Então eu vou ensinar técnicas de relações sexuais numerosas para o seu prazer."

Ela fez algum conforto na ideia de que o sexo poderia ser agradável, uma vez que agora era a principal atividade de seu emprego. Por baixo de sua saia, ele deslizou a borda externa de suas dobras com a esperteza que tinha encontrado dentro. Ela lançou seu olhar para o chão.

"Uma maneira fácil de criar e manter uma conexão com seu amante é manter contato com os olhos." Ele ergueu o queixo com a mão livre. "Se você deve desviar o olhar, olhe fixo em cima de seu corpo, como lábios, tórax, ou genitais, para que ele não se sinta rejeitado por sua incapacidade de olhá-lo. Com o tempo, você vai ser capaz de olhar para o que você já pode ter pensado hediondo, e ver a beleza."

Sua aparência era agradável e, se alguma coisa, era a intensidade de seu olhar negro que forçou a recuar.

Ele pressionou o dedo em sua pérola.

Um choque de alegria percorreu-a. Ela engasgou.

"Relaxe, Simone." Ele massageou ao redor e sobre o botão úmido de carne. Enquanto sua respiração se aprofundou, as suas pálpebras se estreitaram.

Sons molhados vieram de entre suas dobras. Ela queria se esconder, desviar o olhar de seu piercing, olhos estranhamente escuros, mas como ele instruiu-a, se concentrou em sua boca.

Ele passou a língua sobre os lábios, engoliu em seco, chegou por trás de sua coxa, e colocou-a para a borda de seu colo. "Porque você não pode olhar para mim?"

Ela escondeu o rosto em seu pescoço, sua respiração ofegante.

"É preciso lembrar que não pode haver segredos? Você tem que me dizer tudo."

Para frente e para trás, passou por cima do cordão.

"Estou constrangida com os ruídos que vêm de baixo." Ela sussurrou.

Ele segurou seu rosto, guiando seu olhar para encontrar seus olhos, e descansou no nariz dela. "Aqueles sons dizem ao seu amante que o seu corpo está se preparando para

recebê-lo dentro de você e vai aumentar a sua excitação pelo gosto e cheiro de seus sucos. Com o néctar entre as pernas, a penetração deve ser mais confortável para você."

Ele retirou seu toque, e ergueu os dedos à boca e provou. "Mmm."

Ela não podia rasgar-se longe da sequência de desdobraimento.

Retraindo os dedos entre os lábios, ele pressionou-os a sua boca.

"Você deve conhecer o seu próprio sabor."

Ela aceitou os dedos e rodou sua língua em torno deles. O que dizer da mistura dele? O doce, ou especiarias?

Ele gemeu, deslizando os dedos de seus lábios. "Cuspe pode ser usado em vez se o tempo é um problema, e as mulheres envelhecem." A sensação fria e molhada de seu toque encontrou-se com o calor liso entre suas pernas.

O que o som e o gosto dela fez a ele importava para ela. "Você gosta disso?"

Ele deslizou seu toque para baixo para o ponto mais liso e rodou seus dedos para suas dobras, espirrando a umidade. "O que é que *se* refere?"

Embora tivesse certeza que ele estava ciente de seu significado, claramente queria que ela dissesse. "Suas mãos entre as minhas pernas?"

"É tudo o que você está me perguntando?"

Ela balançou a cabeça.

"O que então?"

"O meu gosto e cheiro?" Ela baixou o olhar para sua boca.

"Mmmm, fragrância e sabor doce, tais tão inocente." Ele acelerou o movimento dos dedos. "Trazer o prazer aumenta a minha excitação."

As palavras giraram em sua mente. Querendo mais, ela balançou os quadris para encontrar seu toque. O calor aumentou de seus lábios, seios, e dentro da profundidade. Gemidos roucos prenderam em sua garganta. Ela quase não reconheceu a própria voz. Ela sentiu o talão, pois bateu contra seus dedos.

"Você está tão perto do lançamento. Seu corpo foi esperando um longo tempo para este alívio. Neste ponto, eu poderia diminuir o meu estímulo para prolongar a sua formação, mas eu quero ver você se entregar aos sentimentos que estou concedendo a você."

Ela enfiou a fenda para seus dedos, mais rápido, com mais nítido dos movimentos. "Por favor...."

"Eu tenho você." Ele sussurrou em seu ouvido. "Se solte."

Ela relaxou, deixando-o pegá-la. Cada centímetro dela foi inundado com ondas de formigamento.

Realizado na profundidade de seu olhar intenso, ela assistiu os cantos de seus olhos amolecerem. Sua boca se curvou ligeiramente para cima.

Nada no mundo existia, além do que ele tinha compartilhado com ela. Assim como seu primeiro gosto de rapadura derretida em mingau. Seus membros eram flácidos.

"Estes são os prazeres partilhados entre santos e pecadores." Ele a puxou para perto. "Assim, adiante conhecereis a *concupiscência da carne*." Gentilmente, ele esfregou suas costas.

A semente do *desejo* agora era semeada dentro dela. Um sentimento de tristeza tomou conta dela.

"Obrigada." Ela sorriu embora quisesse chorar. Eravas não era um bom homem, mas ele era um homem amável, e ela iria valorizar essa memória.

Ela retirou-se para sua cadeira, e ele abandonou-a com tanta facilidade. Em um momento bolhas, ele tinha mudado para sempre e ainda o ato era rotina para ele.

"Você é bem-vinda, Simone." Ele se levantou, caminhou até a porta, e fez uma pausa. "Eu tenho uma instrução. Enquanto estou tutoreando você, não poderá aliviar a si mesma quando a dor começar de novo, a menos que eu lhe dê permissão. A partir de hoje em diante, você será Maria Madalena e ocupará o quarto de Madalena no térreo dos Santos."

"Mas ela não era um santo?" A mãe de Simone a tinha ensinado a ler a Bíblia e a educado sobre os Santos.

"Correto. Pecadores só muito especiais são dados esta honra." Sorriu ele.

Ela não poderia fazer sentido do seu comentário.

"Descanse hoje, como amanhã vai exigir uma grande quantidade de rendição de sua parte. Vou encontrá-lo aqui as duas afiadas." Com isso, ele saiu da sala.

Mais uma vez, ela estava sozinha. Cada dia parecia terminar com ela sozinha. Homens foram para prostitutas por paixão, não por amor. E ainda o amor era a única coisa que ela mais precisava.

Capítulo Quatro

A Arte da rendição

Lição Dois

Simone se levantou na sala e andou pelo tapete colorido, criando estática.

Outro momento mais e ela não poderia suportar. Não tinha entendido depois do que Eravas compartilhou com ela, uma nova necessidade iria despertar em seu corpo. Cada momento de sua lição repetia em sua mente. Não apenas o calor em seus olhos, mas seu toque, também. *Ele*. Foi puro tormento. Mesmo o sono não lhe tinha dado refúgio do *desejo*.

Ela era um tipo especial de pecadora. Tivesse ele dito para feri-la? Cortá-la para baixo do alto que seu toque a tinha deixado? Ou teria detectado calor nas suas palavras? As almas gêmeas tipo lançariam entre eles.

Dadas as advertências ameaçadoras para a lição de hoje, ela não sabia o que esperar.

A porta se abriu. Eravas caminhou com outro homem.

O rapaz jovem era a poucos centímetros mais alto do que seu algoz. O cabelo do homem era tão branco como o marfim, e seus olhos azuis brilhantes se destacavam contra sua pele pálida.

Eravas fechou a porta. "Deixe-me apresentar-lhe ao Grão Duque da Suécia. Vladmir de Västergötland, herdeiro aparente. Ele também é meu aluno." Ele gesticulou para o homem. "Conheça Madalena."

É claro que ela não era sua aluna apenas. Por que iria ter pensado uma coisa tão ridícula? Ele trabalhava em uma casa de má fama, ensinando outros como forma de atuar melhor e deixar de mencionar. Ações que poderiam tê-los trancados.

Ela fez uma reverência melhor que pôde nos metros de tecido que a teve encerrada dentro.

A postura de Vladmir era majestosa. Ele estendeu a mão, e ela colocou uma luva na sua. Ele levou-a aos lábios e beijou o topo.

"Vladmir ainda não sabe o prazer que você descobriu ontem. Você deve mostrar a ele quão maravilhoso seu corpo pode sentir e ser o primeiro a saber o gosto dele. Ele será o primeiro homem cuja semente você saboreará." O olhar de Eravas permanecia em sua boca, antes de retornar ao seu outro aluno.

Cada área exposta da pele de Vladmir corou rosa.

Ontem à noite, quando ela estava deitada na cama pensando em como este encontro iria, alguém tomando parte tão cedo ainda não tinha entrado no reino das possibilidades. Ele fazia sentido, se quisessem garantir que as novas garotas não crescessem anexadas ao seu professor, seu algoz, para ser específico.

Eravas pegou uma cadeira e colocou-a em frente do outro, em seguida, colocou um banquinho entre eles. "Madalena deve sentar-se à minha direita e Vlad à minha esquerda."

Vladmir elegantemente gesticulou para que ela tomasse posição.

Ela não se atreveu a olhar para qualquer um deles, especialmente Eravas. Talvez esse fosse um velho chapéu para ele, mas sabia que ela não tinha experiência nessas questões.

Vladmir sentou em frente a ela com os olhos fixos em Eravas. Ela não podia culpá-lo por não olhá-la. Ele falou palavras em um idioma que ela nunca tinha ouvido antes. Ela não pôde fazê-los para fora, mas eles eram muito e lírico.

Eravas virou-se para ela. "Vladmir quer que eu lhe diga o que é, no caso de ele se transformar durante a sua troca. Eu lhe disse que este é um lugar seguro, e não será julgado."

Como ela poderia atirar pedras quando ofereceu seu corpo para homens por um preço? "Eu não vou julgá-lo."

"Ele nasce de uma raça muito antiga, sábia. Elfos." Eravas assentiu. "Ele é o primeiro a nascer das linhas suecas e russas élficas."

Um elfo? Não eram pequenas criaturas que se escondiam na floresta? Outra área que ela tinha conhecimento limitado: criaturas mitológicas. Talvez nenhuma fosse mito.

Talvez ela deva ampliar sua lista de leitura.

"Durante a instrução, eu vou ser muito direto com a terminologia, pois é importante ter conhecimento sobre as diferenças entre homens e mulheres." Ele gesticulou.

"Por favor, se ajoelhe na frente de Vlad no banquinho, Madalena."

Ele falou o nome como se tivesse segredos que ainda eram desconhecidos para ela.

Calor atravessou seu corpo. Ela dobrou os joelhos contra as canelas de Vladimir.

"Alcance para a cintura de suas calças, desabotoe-as, e retire o pênis."

Eravas a instruiu.

Um dos homens da fábrica de seu pai a tinha encurralado no corredor durante uma festa e colocou a mão para o que ele chamasse seu pau. O homem rude a tinha puxado para dentro do armário. Seu pai apareceu e gritou com ela, enviando-a para a cama. A experiência foi enervante. Ela nunca tinha visto a metade inferior de um homem nu, além de nas pinturas. Lá, eles pareciam pequenos e para pendurar. Naquela noite, no salão que ela sentia não era nada parecido com os retratos. Mais duro e quente.

O doce aroma de Vladimir encheu sua respiração. Sabão, algo masculino e atraente. Limpo talvez. Ela estendeu os braços para desfazer o botão superior, desatou a coluna, expondo cachos loiros para baixo. Descascadeou o tecido para encontrar um pênis rosa, muito maior do que esperava, ereto como as torres em Londres.

Eravas ajoelhou-se ao lado dela e levantou o pênis ereto. "Esta parte é referida como a cabeça, a ponta, ou coroa. A abertura na parte superior é onde o fluido vai e vem." Ele passou o dedo indicador ao longo da pele lisa. "Vladimir é de quase 25 centímetros de comprimento. Em termos humanos muito grandes, mas moderado para sua raça. Esta secção é chamada de eixo, comprimento, perímetro ou largura." Ele envolveu sua mão ao redor do fundo, mas os dedos não chegaram a conhecer. "Esta é a base. Coloque a mão em torno do fundo."

Ela tirou as luvas, jogou-a no chão ao lado dela, e fez como disse.

"Bom. Não espero que você se lembre de toda a lição, mas esteja atenta." Seus lábios se curvaram para cima em um lado. "Inale o cheiro da sua excitação."

Ela respirou dentro o almíscar masculino com um toque de madeira por toda parte, que lembrou do parque em uma fria tarde de outono, seca.

"Cada um terá o seu próprio cheiro e gosto. Você vai reconhecer os amantes pelo cheiro, desde que você estará com os olhos vendados para alguns de seus clientes."

Embora ela entendesse suas palavras, nem tudo que ele estava dizendo afundou dentro. Demasiada informação estava sendo fornecida de uma só vez.

Ele moveu a mão para cima e para baixo em seu topo.

Vladmir gemeu.

"Se a sua intenção é para ele liberar a sua semente, a estimulação com mão vai acelerar a construção. A boca só pode funcionar, no entanto, é mais eficaz se o homem está de pé ou enquanto ele está estimulando a mulher, ao mesmo tempo, com a boca para seus órgãos genitais. A maioria da nossa excitação sexual ocorre no cérebro. Cada amante terá seus próprios gatilhos para o prazer maior. Saber criar a reação adicional em cada um deles. Ele permitirá que você encontre prazer em troca."

Líquido frizado na ponta do pênis de Vladmir.

Eravas inclinou-se e rodou sua língua sobre a oferta. Vladmir agarrou a cadeira. Sua respiração acelerou.

"Usando sua língua, você vai ter a cabeça e o corpo molhado, então o leve para dentro e para fora de sua boca, pressionando os lábios firmemente a sua pele." Ele mostrou a técnica.

Um choque de emoção correu para dentro dela, enquanto Eravas deslizou sua boca ao longo do comprimento de Vladmir.

Ele colocou a cabeça do homem em seus lábios. "Seja cautelosa para não raspar os dentes na área. Uma vez que seu pênis está molhado com sua saliva, use sua mão em conjunto com a sua boca." Como ele estava de pé, calor cintilou em seus olhos fixos nos dela.

Vladmir observava atentamente.

Melhor começar a parte de degustação para fora do caminho. Ela pressionou a língua ao longo da cabeça e lambeu o revestimento liso. Salgado e escorregadio. Mas não intragável.

Vladmir respirou entre os dentes cerrados.

Isso foi uma reação de aprovação ou dor? Ele não a tinha parado, então ia tomar isso como um bom sinal. Ela tomou a cabeça em sua boca, rolando sua língua ao redor, e mudou seu caminho para baixo até onde ela poderia aceitá-lo.

Um gemido de apreciação reverberou em seu peito.

"Quando você relaxar, levá-lo mais para trás." O tom de voz Eravas baixou. O material de sua calça foi empurrado para fora.

Ela se concentrou em sua tarefa, navegou para cima e para baixo o comprimento de Vladimir, com a mão deslizando. A pérola em meio aos seus lábios inferiores latejava. Ela apertou suas coxas juntas. Maciez revestia a área. O calor entre as pernas queriam o toque de Eravas para aliviá-la. Ela deslizou a boca para baixo, mais rápido enquanto bombeava. Isto não era desagradável. Ela podia imaginar, se não encontrar o cliente ao seu gosto, pode não querer tocá-lo. Isso foi estranho da parte dela? Ela precisava ser capaz de fazer isso, para seu próprio bem.

Vladimir gemeu palavras suaves, enquanto ele guiou a cabeça para cima e para baixo. O fato de que ele gostava dela adicionava a sua confiança.

Saber que Eravas assistia trouxe outra camada de prazer e excitação. Nos últimos momentos, ele não tinha respirado uma palavra. Será que ele aprovava seu método?

Será que ele queria que seus lábios estivessem saboreando-o?

Vladimir cerrou os dentes com um silvo. Sua carne brilhava como o sol por entre os galhos de uma árvore, com um brilho dourado. As pontas das orelhas pontudas agitaram-se. Ele estendeu a mão para o rosto, escovou ao longo de sua bochecha, e pousou a mão na nuca. O que ele estava prestes a fazer? Ele acelerou seu movimento. Como ela tinha aprendido o dela ontem, um incêndio em seu interior queria conhecer a sua libertação. Ele apertou, guiando-se para acima e para baixo na parte de trás de sua garganta. Maciez vidrava a ponta dele.

Ele resmungou.

Fluido quente, salgado jorrava em sua boca. Ela engoliu em seco. Mais ele esvaziou, inundando sua língua. Ela chupou a cabeça, bebendo-o dentro. Umidade coletada entre suas coxas. Ele relaxou na parte de trás de sua cadeira e acariciou seus cachos.

Ela abriu a boca, soltando-o.

A intensidade de seus olhos havia desaparecido e foi substituída por uma nova ternura.

"Obrigado, Madalena."

Ela entendeu, embora tivesse certeza que falou em sua língua nativa. As pontas de suas orelhas desapareceram. A luz que irradiava de sua pele escurecida e mais uma vez ele pareceu humano.

"Você é bem-vindo, Vladimir." Suas palavras não saíram da forma que ela pretendia, mas sim em um hino lírico de um idioma que ela não falou.

"Você só respondeu e falou na língua élfica?" Eravas olhou para ela, assim como Vladimir. "Eu não sabia que você sabia a língua."

Ela não sabia. E não tinha. Nada disso fazia sentido para ela. Ela reclinou contra seu assento. Antes de sua mãe passar, ela disse que foi um presente que Deus havia lhe dado. Ela ainda não sabia o que era. Seria isso o que ela quis dizer? As palavras foram ditas há muitos anos, ela começou a se perguntar se eles eram as divagações de uma mulher morta.

O pênis de Vladimir não era tão grande ou duro. Agora se lembrou dos que tinha visto nas pinturas.

"Celestial." Ele sussurrou, abotoando as calças, e sentou-se.

"Algumas mulheres podem." Eravas esfregou o queixo entre o dedo indicador e o polegar. "O que você achou do gosto?"

"Agradável." Teria ela respondido muito ansiosa e rapidamente? Ela não esperava gostar.

"Bom." Sorriu ele. "Vlad, por favor, espere por mim na biblioteca. Vou encontrá-lo em breve."

O rapaz levantou-se e curvou-se para ela. Fechando a porta, ele saiu.

O silêncio encheu a sala. Ela tem o sentido que tinha feito algo errado.

Eravas sentou em frente a ela.

"Estou com problemas? Eu não fiz o que foi solicitado de mim?" Ela não podia dar ao luxo de ser um fracasso. Saint Verônica já tinha avançado a ela, todo o dinheiro para a inscrição de seus irmãos. Então, se provasse ser ruim em sua nova linha de trabalho, como pagaria a dívida?

Ele segurou seu rosto com as duas mãos e atraiu, beijando seus lábios com os dele.

Ela empurrou para trás, não tendo certeza que queria saber a sensação que podia despertar novamente do seu corpo.

"Relaxe, Madalena." Ele persuadiu seus lábios com sua própria entrada na boca com a língua.

Calor como uma explosão de ar quente de um fogão a lenha na manhã fria de inverno a envolveu. Ele beliscou, amamentou, e provocou a boca com os lábios. Fome cresceu em profundidade nela. Ele jogou a saia para cima, descansando o material em seus quadris, e abriu as pernas.

"Você está molhada entre suas coxas?" O tom de sua voz era rouco e exigente.

"Sim." Ela não podia impedir-se de responder à sua pergunta.

"Por quê?" Ele perguntou.

"Por causa do que você me mostrou ontem." A memória causou todo o seu corpo tremer. "Eu não consigo parar de querer e precisar de mais."

"Muito bom." Ele afastou a boca para a dela. "Agora você entende o que é a sensação de *desejo*."

"Você." Não havia como impedi-la de dizer-lhe. "Seu toque, sua voz, seu cheiro, e você me observando. Eu acredito que você goste e aumenta o meu prazer. " Não fez muito sentido, mas era verdade.

"Eu sei e vai piorar antes de melhorar, eu temo. Se eu fosse um rapaz, um homem menor, ou um tolo por exemplo. Diria a você para não permitir que suas emoções nublassem a natureza do que nós compartilhamos. Não crescesse em anexo, mas eu fui por esse caminho muitas vezes. Dizendo não vai impedi-la de deixar sua nuvem de sentimentos ocorrer entre nós. Eu nunca aprendi a amar alguém. Eu sou incapaz de amar. Eu quebrarei seu coração. E você deve crescer para me odiar se nós compartilhamos e as partes de si mesma que você me deu. "

Por suas palavras atuais, ela queria cobrir seu corpo exposto, sair e correr. Longe. No entanto, sabia, ela não iria.

"Eu não vou mentir para mim mesmo ou aos outros." Seu olhar, preto intenso nos dela. "Vou cair loucamente na luxúria com você, então nos jogos que jogamos e seguir em frente. Você vai me odiar por isso também."

"Você está errado sobre mim. Eu não sou como os outros que você ensinou. Vou aproveitar o tempo juntos. Eu posso vir a amar você, mas não vou te odiar por ser quem e o que você é." Com isso, ela tinha muita prática. Quando seu pai estava sozinho com ela, ele a cobriu de amor, mas quando sua esposa estava por perto, a tratou com descaso. "Você não é um homem bom, mas é um tipo único. Vou aprender e descobrir o prazer de todos os meus amantes."

"Eu espero que você esteja certa." Eravas escovou os cachos caídos para trás e se levantou de seu assento. "As duas amanhã afiadas, sente-se à beira de sua cama, nua." Ele saiu do quarto sem outro olhar em sua direção.

Ela era mais forte do que ele acreditava que fosse. Sim, ela viria a amá-lo.

Isso já foi quase o caso. E Deus a perdoasse por que ele se tornaria.

Capítulo Cinco

A Arte da rendição

Lição Três – Parte Um

Simone ou Madalena? Ela nem sabia como abordar-se mais.

Neste mundo, ela iria por Madalena e com seus irmãos, ela ainda seria Simone. Essa foi a linha que chamou para si mesma. Não que isso ajudasse a preservar a inocente que tinha sido uma vez. Sentou-se empoleirada na borda da cama. Nua. A grande cama de dossel de quatro colunas pairava sobre ela com suas ricas cortinas azuis. A lareira rugiu a poucos metros dela, dando-lhe calor. Amarelo e laranja cintilou em sua pele quando as chamas dançaram. As janelas estavam cobertas com cortinas combinando. Nenhuma luz entrou no quarto de fora.

Seus mamilos se endureceram com o pensamento de vê-lo. Eravas. Ela não sabia o que ele iria ter na loja para ela hoje.

A porta de seu quarto se abriu e ele pisou dentro: "Madalena." Ele respirava pesadamente.

Seu ritmo cardíaco acelerou. "Sim." Ela não parou de desejá-lo, precisando dele. Exceto quando ela....

Ele se aproximou, ajoelhando em frente a ela. Ele inalou profundamente. O livro vermelho com escrita em preto sobre o criado-mudo ao lado da cama chamou sua atenção.

"*Lilu: O Sedutor*." Ele o pegou, cheirou os cantos, e defini-o de volta para baixo. "Onde você conseguiu este livro?" Ele apontou para o objeto quando seus olhos se estreitaram.

"Dada a minha lição de ontem, acho que eu precisava me educar sobre outros seres mundanos. Saint Verônica veio até a biblioteca e me ajudou a escolher os livros, uma pequena escolha." Ela apontou para a mesa do outro lado do quarto. Saint Verônica fez um monte de perguntas sobre suas aulas e, especificamente, detalhes de Eravas. "Quando cheguei de volta e peguei os livros, eu encontrei este. No entanto, não me lembro de ser um

deles." A única coisa que conseguia pensar era que Saint Verônica o tinha acrescentado a pilha.

Ele apertou a mandíbula, pondo-se de pé. "Eu vejo." De seu tom, ele não parecia satisfeito. Ele andou.

Ela não entendia por que parecia tão irritado. "Como sou eu para dar aos meus clientes o que eles querem de mim, se eu não sei o que eles são?"

"E você acha que esses livros podem dizer o que está no coração de outra pessoa? Que, talvez, os chamados estudiosos possam mostrar o que essas *criaturas* compartilham com aqueles que confiam?" Seu tom levantou.

"Não, como só Deus sabe verdadeiramente essas coisas." Ela colocou os braços ao redor de seu corpo, cobrindo sua nudez. "Você está descontente comigo."

"Sim, eu estou, mas não apenas para a leitura destes materiais. Você me desobedeceu." Ele virou as costas para ela. "Eu posso sentir o cheiro que você tenha aliviado a dor entre suas coxas, depois de instruí-la que não. Por quê?" Sua mão se fechou em um punho.

Outra confirmação que ele era diferente. Ele sabia detalhes pelo cheiro. "Eu estava na cama lendo. Descrições no livro formaram imagens na minha mente, de Lilu indo para mulheres em forma humana. Fiquei triste. A dor descrita nas palavras em que tenha de esconder atrás de uma máscara doía no meu coração. Sua solidão. Acho que o livro era para me assustar, mas eu pensei em sua tristeza. Como ele nunca poderia ser visto por suas amantes e ser aceito como ele é. Mas ao contrário dos outros de sua espécie, ele nunca recorreu furtivo nas camas de mulheres à noite e aparecendo como seus maridos. Parte dele queria a aceitação como todos nós." Talvez ela não devesse continuar, mas ele pediu-lhe para lhe dizer por quê. "Eu li que a raça de Lilu está sendo derrotada."

"Os seres humanos o caçavam para sua decepção. Uma raça que incita a luxúria, a obsessão e desejo. Como ele percorre a terra sozinho. Meu coração doeu por ele. Que ele sentia que seu povo foi punido por Deus. Adormeci e sonhei que Lilu veio até mim, desmascarado. Não como um homem, mas despojado de sua fachada. Eu não o temi. Ele devastou-me com toda a sua necessidade e que provocou um anseio por minha própria

libertação. Meu corpo inteiro sentiu no fogo por ele. Foi só depois de eu estourar com um fogo interior todo que eu percebi o que tinha feito."

Ele suspirou.

Momentos se passaram. Ela não sabia o que ele estava pensando. Sua expressão ficou dura. Desde que Eravas tinha mostrado seu prazer, seu corpo ansiava por mais, e mais.

"Eu não posso permitir que você desobedeça minhas instruções sem consequências." Quando ele levantou o olhar para ela, afrouxou a gravata e colarinho. Ele tirou sua jaqueta e tirou um cinto assentado. A tira de couro brilhava sob a luz do fogo.

Dor parecia uma parte inevitável da vida. Ela não iria chorar. Não importa a dor da sua punição. Ganhou a consequência que enfrentava agora.

Ele desabotoou a camisa e empurrou de lado suas chaves. Um pouquinho de cabelo escuro cercava seus mamilos e forrava a crista magra de seu abdômen. O corpo de um homem, nunca tinha sido maravilhoso tanto quanto o seu.

"Dado o meu fracasso como seu instrutor para angariar sua obediência e respeito, que deve haver uma pena." Ele removeu o tecido, revelando braços musculosos definidos e pele impecável. Ele passou por ela, jogou o cinto assentado para seu colo, e parou no poste de sua cama. Entre as omoplatas foram duas crateras profundas de carne cicatrizada.

"Cinco amarrações de sua mão, Madalena."

"Não, eu não posso." Não havia nenhuma maneira que ele poderia esperar isso dela. Ela não foi capaz de tal ato. Como a esposa de seu pai tinha batido nela, prometeu nunca infligir o mesmo em outro.

"E é por isso que você deve." Ele gritou. "Ao fazer isso você nunca vai ousar desobedecer-me depois disso."

"Sinto muito!" Lágrimas se formando em seus olhos. "Eu não vou fazer isso de novo." Ele não poderia pedir isso a ela. "Vou levar uma centena para vos poupar de um." Disse ela. "Por favor, eu imploro a tua misericórdia."

"Eu não posso dar o que até mesmo Deus não me dá." Ele ergueu-se da cama e colocou a ponta do metal do cinto na mão. "Cinco, e cada um deve contar, ou você vai começar de

novo. A dor que você deve sentir das chicotadas em mim é o que eu sofro por você violar o meu pedido."

O couro estava quente contra seus dedos. Suas mãos tremiam.

"Se você não fizer o que eu pedi, deve forçar uma dor muito maior sobre mim." Ele inclinou a cabeça para o cargo. "Eu é que agora lhe peço para não desonrar um segundo pedido meu. Poupe-me de mais vergonha."

Ela não duvidava de suas palavras. Ele não era um para exageros. Mas, ao fazer o que ele pediu a ela, iria quebrar uma promessa que tinha feito para si e Deus para nunca mais exercer dor sobre os outros, como a esposa de seu pai tinha. Se suas próprias ações não tinham sido a causa disto, ela recusaria.

"Com cada batida, você tem que me prometer que não vai me desobedecer novamente." Ele olhou por cima do ombro.

Não havia nada pior do que a dor da traição. Ela teria levado um milhão de espancamentos da esposa de seu pai para uma surra de seu pai, quando sentiu a dor que seu pai sentiu ao fazê-lo.

Ela fechou os olhos, o couro enrolado em torno de seu pulso, e segurou. Levantando o braço para cima sobre o peito, ela balançou para frente. "Eu prometo nunca mais desobedecer a você novamente."

Moveu-se através do ar e estalou em sua carne.

Ele empurrou. "Duro, Madalena." Ele falou com os dentes cerrados.

O vergão correu de seu ombro até a cintura. Ela tinha feito isso com ele. *Por favor, perdoe-me, Senhor Nosso Salvador.*

"Eu não vou desafiá-lo." Uma vez mais, ela levantou a mão e bateu a alça nas costas, quebrando a pele.

Ele agarrou a madeira e assobiou. "Faça-o com sentido."

Será que ele não percebe o quão difícil era para ela? Ela não queria agredi-lo. Nem ninguém para esse assunto.

"Eu nunca devo ignorar suas instruções." Ela estendeu o braço, açoitando a ponta do couro na sua carne.

Ele se encolheu. O sangue corria por baixo do local onde o cinto passou. "De novo!" Com o rosto inclinado na direção dela, ele sorriu.

Se ele pode suportar a dor, ela tinha que fazer isso através do ato. Inclinando-se fazendo seu pulso, ela o atacou. "Eu não vou te ferir a partir deste momento." Uma trilha de vermelho desligava o fim sobre os lençóis brancos de sua cama. Sangue espalhado na roupa. Essa foi uma lição que ela teve que aprender também. Quando Eravas pedia algo a ela, era uma ordem. Uma que ela precisava seguir à risca.

"Mais uma vez." Ele rosnou. "Faça valer a pena."

Seus músculos doíam, mas nada mais do que seu coração. "Eu vou te obedecer." Ela balançou o cinto e flagelou as costas, fazendo um cruzado passando em sua pele. Ela caiu no chão, recolhendo o couro encharcado de sangue para ela. O cinto sujou as mãos. Ela se lembrou da alegria nos olhos de esposa de seu pai, depois que tinha sido chicoteada e sangrando. Nenhuma parte dela tinha prazer nesta tarefa.

Eravas virou-se, correu para ela, e ajoelhou-se. "Eu sei que você vai, Madalena." A partir da evidência na parte da frente da calça, parece que ele sentiu o desejo de tê-la forçado a causar-lhe dor. Ele puxou-a em seus braços e beijou sua boca.

Não macio, mas duro e com urgência. "Eu tomei algo sagrado de você. Devemos sempre estar ligados." Sinceramente, ele olhou em seus olhos.

"Por favor, perdoe-me, Pai Celestial." Não por este ato, não podia permitir isso. "Eu te perdoo por ter isso de mim." Às vezes, as chicotadas da esposa de seu pai eram o único toque que ela conhecia. Dor trouxe alívio da tensão, a partir da sensação de caminhar sobre ovos. Ela embalou o rosto na mão. "E eu vou orar para que Deus também."

"Deus deu-se em mim há muito tempo, Madalena. Ele não tem interesse em pecadores como nós." Ele sorriu, pegou a mão dela na dele, e baixou-o para a necessidade dura em suas calças.

"Eu temo que você sabe pouco de Deus, então." Ela descansou seu rosto no dele. "Qualquer pecado que cometeu foi para os outros, e ele vai me perdoar porque eu me arrependi. Nunca fora da maldade."

Sua expressão desenhou em branco. Dada a mudança de seu rosto, ela concluiu que suas palavras tinham sido demais. Ele se levantou, virou-se para ela, e se vestiu. "Talvez você tenha razão. Aposto que em breve vamos saber qual de nós está correto."

O que ele quis dizer com isso?

Ele reuniu os livros. "Você vai aprender no ritmo que eu definir para você."

"Mas..." Ela só aprenderia o que ele considerava o que precisava saber.

"Você pretende me desobedecer de novo?" Ele perguntou.

"Não, claro que não." Ela abaixou a cabeça.

"Uma pena. Eu vou ter de encontrar outras maneiras de explorar o seu talento natural." Ele ergueu o queixo. "O movimento de seu pulso é igual ao de sua língua."

"Por favor." Por que ele ainda achava que era? "Não está em mim."

"Eu tenho aproveitado muito o lado escuro da alma humana em meus ensinamentos." Ele sussurrou baixo contra os lábios, escovou a boca para a dela. "Você não deve ser diferente."

Qualquer coisa, além de desbloquear a melhor parte dela deixada escondida.

"Você não deve aliviar-se. Nem terá livros que não tenha fornecido a você. E não deve falar uma palavra disto para Saint Verônica. Você não deve deixar o quarto até que eu permita." Ele saiu e chamou a porta fechada.

Ele restringiu seu acesso ao resto da casa como reprimenda por sua desobediência. "Eu vou fazer o melhor." Ela pegou o lençol manchado de sangue. Lágrimas queimaram seus olhos. "Eu prometo." Ela tinha, por amor a Charles e Louis.

Capítulo Seis

A Arte da rendição

Lição três – Parte Dois

Três dias se passaram e ao lado de Grace, empregados domésticos e Hope, Madalena não tinha tido contato com outra pessoa. Mesmo elas pareciam saber que estava com problemas e mal falavam com ela. Ela se sentou em seu roupão no parapeito da janela, observando a chuva escorrer no vidro da janela. Fora da lua cheia vigas em cima dela. Ela odiava que suas ações tinham chateado Eravas e que ela o obrigou a tirar dela.

Ela temia que Saint Verônica houvesse orquestrado a situação. Foram pequenas coisas, como a forma que assistiu Eravas quando ele a olhou, e a forma como ela apontou a falta de experiência de Madalena ou compreensão dos homens.

Cada manhã, quando Madalena acordou, seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas ela não conseguia se lembrar de seus sonhos. Tinha certeza de que iria para o inferno. Poderia ter condenado sua alma? Uma vida sem Deus seria oca. No capítulo do livro que tinha lido sobre Lilu, ele parecia solitário. Talvez ela faça um bom companheiro para alguém tão perdido. Ela esperava que Deus guiasse seu caminho.

A porta de seu quarto abriu. Eravas entrou com Saint Verônica, coberta com uma camisola, vermelho puro, ligada ao seu braço. A silhueta de seu corpo mostrou através do tecido. Ela tinha seios fartos, cintura estreita e quadris redondos.

"Retire o seu roupão e venha para a beira da cama, Madalena." Ele gesticulou. Como de costume, sua roupa estava impecável e seu rosto deu nada.

Vestido com uma camisa de cor clara e calças pressionadas o cobriam. Mas ela tinha visto muito mais dele em sua última visita, porém, ele estava perto da nudez.

Ela deslizou para fora da vidraça, fez uma reverência. "Claro!"

Quando ele sustentou seu olhar, seus intensos olhos negros eram suaves. Ela aceitou que seu coração acelerou cada vez que o viu. Uma vez que ela tivesse mais amantes, talvez

suas emoções fossem crescer maçantes, e ele não seria nada mais do que outro número. Ela ainda não acreditava nisso, mas a esperava que em breve.

"Não esteja muito zangada com ele. Desobediência não é tolerada." Saint Verônica sorriu. "Cada um de nós está desiludido por seu charme, mas ele não tem um coração. Melhor você saber agora em vez de mais tarde, minha querida." Seu olhar permaneceu colado a Eravas a cada movimento.

"Como ela é certa." Ele assentiu com a cabeça.

Nenhuma declaração trouxe conforto a Madalena. Nem ela acreditava que Eravas não tem um coração. Alguém pode tê-lo quebrado, endurecido, ou chupado seco, mas tudo o que precisava era reviver. Quem melhor do que ela para fazer isso?

"Eu espero que o seu traseiro não esteja doendo ainda?" Saint Verônica riu. "Ele tem uma mão áspera."

Quando ele puniu disse que era para angariar sua obediência e criar uma conexão entre eles. Eravas deveria tê-la espancado pelo que havia feito, mas sim, que tinha tomado a surra por ela. Então, o que era verdade? Nenhuma das possibilidades atuais parecia o comportamento de alguém que não tinha um coração, para ela. Ela envolveu seu roupão sobre a parte traseira de sua cadeira e sentou no final da cama. O ar quente da lareira correu sobre ela.

"Você já provou dela?" Saint Verônica perguntou.

Ele balançou a cabeça. "Eu pensei que você gostaria de ser a primeira."

"Você me conhece muito bem." Saint Verônica se ajoelhou diante de Madalena e espalhou suas coxas.

"Relaxe, Madalena." Ele abaixou-se atrás de Saint Verônica. "Você cheira gotas de água de rosas?"

Os olhos azuis Saint Verônica brilharam. "O meu favorito."

"Eu tive Grace adicionando-o a seu banho esta manhã." Ele beijou a nuca de Saint Verônica.

"Que astuto!"

"Pretendia agradar." Mais do que tudo, era o calor em sua voz que atirou ferida através de seu peito.

A mão de Saint Verônica reuniu-se com a carne de Madalena. Seu dedo indicador teve uma cobertura de ouro ornamentada na ponta de uma unha. Ela arranhou o pescoço acima, para Madalena, em seguida, pressionou o ponto em sua pele. A borda afiada perfurou sua carne.

Madalena sentiu a poça de sangue atrás de sua escultura.

De repente, Saint Veronica estava em cima dela, olhando através de brilhantes olhos azuis, mas com um largo sorriso e seu habitual rosto impecável, elegante. Humana, mas por trás escondeu um demônio de algum tipo. "Você está com medo?" Quatro presas brilhavam à luz quente da lareira.

O batimento cardíaco de Madalena acelerou. O medo era uma estranha sensação que poderia ir e vir sem avisar. Algo dentro de Madalena, se racional ou não, disse-lhe que iria assistir Eravas sobre ela.

"Não." Madalena encontrou o olhar de Saint Verônica e tocou seus lábios. "Você é tão majestosa. Eu mal posso imaginar você me machucando. Embora eu tenha certeza que você poderia. Vai beber o meu sangue?"

"Sim. Pureza gosto diferente, mais quente e um pouco bruto." Saint Veronica baixou para o corte. Sua língua lambeu o sangue. "Com uma pitada de Elfo." Ela riu.

O intercâmbio com Vladimir tinha misturado seu gosto com ela. "Você é um vampiro Nosferatu?"

"Eu sou um dos condenados." Saint Verônica abraçou ternamente. "Condenada pelo Mestre das Trevas, não é mesmo?" Ela olhou para Eravas.

"Sim." Ele levantou-a de Madalena e beijou a boca de Saint Verônica, então amamentou seus lábios e lambeu o revestimento vermelho. "Mmm, bosque com um toque de agridoce." Seu olhar baixou para Madalena. "A Saint Verônica foi dada beleza e vida eterna em troca de sua alma."

"Eu fui." Ela enrolou as pernas em volta da cintura e colocou os lábios em sua orelha.

Começou a falar em outra língua, embora Madalena entendesse perfeitamente. "Mas você permanece com uma alma para recolher. Um velho espírito ligado a terra. O último de sua espécie. Embora Deus se esqueceu de você, não vai dar ao meu Mestre o que ele deseja de você. "

"A política Celeste aborrece-me." Ele sentou-se na cama ao lado de Madalena com Saint Verônica em cima dele. Como ele estava de costas, a beijou. "Minha alma é de pouco interesse, quando ele tem a sua, adorada Veronica."

Então ele não era humano. Parte dela já sabia disso, mas esta foi à confirmação.

O que havia com ela entendendo línguas estranhas?

"E para você, Eravas Lilu, que lugar eu seguro?" Desejo era evidente no tom de sua voz.

Esse é o seu nome. Eravas Lilu. Foi essa a razão que o livro havia aparecido entre os que ela pegou da biblioteca? O nome realizava beleza e força, assim como ele fez. Houve também tristeza tecida no seu interior.

"Como você disse, eu não tenho coração. Eu, no entanto, tenho boas lembranças de você ocupando muito do meu tempo ocioso na Terra nos últimos milênios." Ele tirou o pente de ouro decorativo de seu cabelo, definindo suas ondas livre.

Santa Verônica colocou a cabeça em seu peito. "Ele quer que eu quebre a sua fé e recolha sua alma. Você é a saída perfeita para eu fazer isso. Ela adora você."

"Eu gostaria que isso fosse verdade, mas acho que ela conhece apenas um Senhor." Ele embalou o rosto de Saint Verônica, em sua mão. "Sua fé não é nem superficial nem cega. Mesmo diante de sua situação atual e triste. Mas você sabe que eu não tomo nenhum interesse em barganhas celestiais."

"Você pode ser um saco." Ela esfregou o rosto contra ele.

"Céu e Inferno significam muito pouco para mim, desde que esta existência pode provar ser ambos." Suas mãos desapareceram sob a camisola de Saint Verônica. "Eu a ajudo a treinar as mulheres a serem boas amantes, porque é o que eu sou bom."

Saint Verônica suspirou de prazer depois cobriu seus lábios. Embora Madalena não quisesse assistir ou ouvir mais, ela não podia se virar.

"E você deve estar me ajudando com a lição desta noite." Sua expressão realizava fadiga.

"Por favor, restrinja-a para mim." Saint Verônica saltou da cama para seus pés. "Estou ansiosa para saboreá-la mais plenamente." Ela lambeu os lábios e piscou.

Eravas pegou Madalena e a colocou em seu colo, voltando seus braços sobre o dela e com as mãos, abriu as pernas. "Relaxe, Madalena." Disse ele em Inglês.

"Saint Verônica é muito talentosa com a língua." Calor realizado em suas palavras.

Uma cascata de sangue escorria de abertura na sua clavícula para baixo após o abdômen de Madalena e entre as pernas.

Ele inclinou abaixo para cima na borda de seu colo. "A maioria das mulheres gostam dessa posição."

Saint Verônica sorriu. "Chocolate com as pontas dos lábios com um núcleo rosa." Sua respiração soprou entre as pregas de Madalena, então ela lambeu. "Mmm, morango no chocolate."

Calor e consciência sacudiram por ela. O que lhe permitiu apreciar o toque da mulher quando ela claramente estava apenas olhando para tomar a sua alma? Foi por que Eravas a segurou.

Ele firmou o corpo dela. "Regule a sua respiração. Ingira lento e profundo o ar. Solte devagar."

Como ele poderia esperar que ela confiasse seu corpo para Saint Verônica, quando a mulher queria apenas reunir a sua alma para a coleta de seu mestre?

"Relaxe no prazer." Ele sussurrou em seu ouvido.

Talvez não fosse Saint Verônica que estivesse lhe pedindo para confiar, mas sim nele.

Dados os últimos momentos, ela não tinha certeza se deveria confiar nele, também. O único vislumbre de esperança era que ele tinha tomado a surra que ela deveria ter, apesar de usá-lo para conectá-los. No entanto, não houve nenhuma conexão entre ele e Saint Verônica. Então por que procurou uma, com ela através das chicotadas que ele a tinha obrigado a infligir?

Madalena respirou então para fora, pressionando contra ele.

Saint Verônica traçou as pontas escuras de suas dobras revestidas em seu sangue. Sua língua sacudiu sobre o talão, atacando e para trás.

Sob Madalena, Eravas foi duro. Ela inclinou a cabeça atrás e para o rosto dele. Seu olhar estava fixo em Saint Verônica amamentando-se depois girando a língua, descendente abaixo.

Cada centímetro de Madalena queimou com fogo. Ela agarrou as mãos de Eravas e segurou. Suaves gemidos escaparam de seus lábios e pairavam no ar. Ela empurrou seus quadris para o prazer quente. Fogo líquido corria em suas veias, inflamando-a. Sua excitação pressionada para sua parte inferior, que acariciou o comprimento dele.

A fricção da boca de Saint Verônica construída como seus dedos tinham, uma faísca quente e pulsante que cresceu em velocidade e intensidade.

O interior de Madalena apertou em seguida liberou, jorrando êxtase. Ela ofegou sua satisfação.

Um choque de um relâmpago ofuscante, que emanou do clitóris entre os lábios inferiores, correndo por ela.

Vento e um borrão de cor passaram sobre ela. Dor pulsava a partir da área.

Eravas segurou Saint Veronica presa à parede, com os pés balançando no chão.

Simone chegou entre suas coxas e se enrolou em uma bola. Como foi que ela não o tinha visto se mover?

"Ela nunca conhecerá o prazer sem dor. Eu já perfurei seu clitóris com minha presa." Ela lambeu seu dente sangrento alongado.

A memória foi enraizada na mente de Madalena. O pulsar dominando cada parte dela.

"Você já garantiu o prazer que eu mostrei a ela, vai ser o melhor de sua vida. Foi tolice por causa do seu próprio apego a mim." Ele falou asperamente, em seguida, atirou Saint Verônica ao chão. "Como Deus é minha testemunha, se você chegar perto dela de novo, vou desaparecer de uma vez por todas. Agora, saia."

"Parece que o bichinho tem insinuado seu caminho para o pequeno coração que você deixou." Saint Verônica pegou-se para cima e mancou até a porta.

"Saia." Ele gritou.

Ela engasgou e saiu mancando da sala.

"Ela nunca vai prejudicá-la novamente." Eravas marchou para a porta, em seguida, fez uma pausa.

"Sinto muito!"

"Obrigada." Deitada em cima da colcha, Madalena se abraçou.

"Achei melhor você entender o que ela queria de você." Ele encolheu os ombros para frente. "Eventualmente, você vai dar-lhes a sua alma."

"Meu corpo e liberdade, mas nunca a minha alma." Se não poderia ter paz nesta vida, ela a teria em vida após a morte. Não trocaria isso.

"Eu espero que você esteja certa." Em seguida, ele saiu e puxou a porta fechada.

Enrolada em uma bola, Madalena chorou. O peso da bagunça que estava batendo nela.

Capítulo Sete

O Leilão de Saint Madalena

O veludo pesado de seu roupão vermelho parecia uma bola e uma corrente que Madalena vestia. Em seu quarto, ela andava. Uma semana tinha passado sem que ninguém que não fosse Grace e Hope tivessem em sua presença. Apesar de seu clitóris ter parado de sangrar, qualquer contato com a carne entre suas pernas definia a memória da dor através de cada centímetro dela. Uma venda de cetim descansou na cama com tecido de malha que era para ser estendido sobre seu rosto. Ela recusou Grace e Hope, quando tentaram colocá-lo, não importa o quanto as duas mexessem com ela. Ela enviou-as de seu quarto e ameaçou não sair.

Se Eravas não queria para vê-la nem a sua cara para ser reconhecida, ele simplesmente teria que cobri-la por si mesmo.

Passos pesados se aproximava do final do corredor. A qualquer momento, ele chegaria a sua porta. A chave virou.

Ela deu um passo para trás com a visão dele. Cada parte dela vibrou quando seus olhos se moveram sobre ela.

"Ouvi dizer que você está se recusando a fazer o que disse." Seus olhos negros nos dela. Quando fechou a porta atrás de si, ele comandou o espaço com a sua presença. "Você lembra o que aconteceu da última vez que você me desobedeceu?" Ele perguntou, inclinando-se contra a porta fechada, com os braços cruzados.

Tudo muito bem, ela fez. "Eu não tenho nenhuma maneira de saber se Grace e Hope falaram por você ou Saint Veronica."

"Você é minha aluna até ser dito de outra maneira." Ele sorriu. "O interesse de seu mestre em minha alma significa que ele vai me dar corda suficiente para entregá-la a ele."

"Eu não quero que você se coloque em perigo por mim."

Ele bateu o pé no chão e bufou. "É claro que não. Mas não é com você."

"Talvez seja até mim." Disse ela.

"Você mudou de ideia sobre o futuro de Charles e Louis ou a sua alma?"

É claro que ela não tinha. "Não, isso é um absurdo."

"Bom." Ele passeou com ela. "Então você não vai me dar mais nenhuma dificuldade."

Calor correu através de seu corpo inteiro. Ela assentiu com a cabeça. "Por enquanto."

"A partir deste momento." Ele pegou o cetim, ergueu-o sobre os olhos e um nó atrás da cabeça. "Não voltarei a falar mais com você."

Embora o mundo desaparecesse, ela agarrou seu antebraço. "Eu não quero ser difícil." A maioria das mulheres, provavelmente, fez tudo o que lhes disse para fazer.

"Estou velho e seco." Ele cobriu a mão dela em seguida, liberou. "Você é jovem e esperançosa. Mundos separados. Em breve você vai conhecer um homem robusto jovem e cairá tolamente em sua conversa doce."

Se ela não o tivesse, ficaria com ninguém. É claro que ela tinha Deus, embora a conversa fosse muitas vezes unilateral. "Nunca. Meu coração não vai mudar." O tecido de *chiffon* cobriu o rosto, e amarrou-o atrás de sua cabeça.

"E o que você acha que o seu coração quer agora?" O calor de seu corpo perto por trás dela.

"Você." Ela proferiu contra o material.

"É o seu coração ou o seu corpo que está falando?" Ele deslizou a mão por baixo do roupão e deslizou a palma da mão sobre o broto duro de seu peito. "Às vezes é difícil distinguir o que está falando quando você não tem experiência nestes assuntos."

Ela descansou nele. "Meu corpo é mais provável de ser inconstante do que o meu coração. Eu sinto o fogo quando os outros me tocam, mas não o conforto e segurança que você traz para mim."

Ele a girou para enfrentá-lo e apertou seus lábios nos dela. O tecido criando uma barreira entre eles. "É uma coisa perversa e cruel que você fez comigo. Suscitar a fé em... você."

"Meu coração pertence a você."

"Então, eu tenho pena de você." Disse ele. "Vou estar ao seu lado durante todo o leilão." Ele traçou os lábios com o polegar.

Embora ela não quisesse, lançou seu braço. "Obrigada."

"Você não sabe o quão bela... você é." Ele pegou a mão dela na sua.

Mais do que ela queria admitir, sua admissão tocou seu coração. Engoliu o nó na garganta e acenou com a cabeça. Logo, esta linha de trabalho, os jogos e estar sem família, iria chupar a alegria dela. Ela viu isso nas outras mulheres quando uma caminhava por elas no corredor. Externamente, elas foram impecáveis, mas por dentro eram ocas.

"Basta seguir minha liderança." Ele guiou-a para fora do quarto.

Ela poderia passar a vida fazendo exatamente isso, se ele deixasse.

Com um rangido, ele abriu a porta e voltou-se para a escada que levava até o próximo andar. Ela nunca tinha estado lá em cima. Ele foi restringindo-a. Muitas vezes, os gritos de prazer e dor em cascata para baixo da escada. O tapete macio contra seus pés descalços fez cócegas em sua sola.

"Estamos caminhando no andar de cima, para assistir os seus passos." Sua mão deslizou por baixo do tecido de seu roupão e dirigiu a ela. "Levante o pé direito."

Como ele instruiu, ela sentiu seu caminho com a bola do seu pé. A madeira fria sob arrepios enviados até as pernas.

"Você está indo bem. Só mais alguns passos e estamos lá." Ele colocou os braços em volta dela para trás e levantou-a com facilidade, reduzindo-a para o nível superior.

"Isto vai ficar barulhento, então se concentre na minha voz."

Isso foi fácil. Foi melhor do que pensar em todas as criaturas no quarto boquiabertos para ela, como uma égua de criação em prêmio. Não que quisessem criá-la.

Sussurros leves e conversa encheu o espaço ao seu redor.

"Pare." Ele disse. "Há três passos para alcançar o topo do palco. Vou guiá-la." Como ele tinha indicado, a levou para cima.

Embora ela sentisse o ar quente ao redor dela, tremeu.

"Eu não vou deixar ninguém te machucar." Ele parou e virou para a multidão.

Com seus dedos quentes, ele tirou o roupão.

O súbito silêncio na sala caiu sobre ela. Eravas levantou as mãos acima da cabeça e prendeu algemas em uma, depois no outro pulso. Ele estava atrás dela. Sua mão deslizou

sobre seus seios fazendo seus picos subirem. Ele deslizou seus dedos para entre suas pernas e esfregou.

A ingestão pesada e expiração de seus lábios explodiram em seu pescoço. A dureza de sua ereção pressionada em suas costas, enquanto seu toque levemente acariciou sua maciez.

Ela engasgou.

"O cheiro de sua excitação e clímax será loucura para eles." Para frente e para trás seu toque circulou. "Aumentar o preço da sua virgindade significa mais despojos para você e seus irmãos."

Ela apertou as restrições com as mãos úmidas. A verdade era que não se importava como isso afetou a sala cheia de pretendentes a cama, apenas o seu efeito sobre ele. Ela mordeu o lábio inferior, deixando que seus pensamentos derivassem a partir de hoje à noite, ela estaria alojada. Em sua imaginação, uma figura circulou sua cama. Quando se aproximou, a luz brilhou em seu rosto. Eravas. Não em sua forma humana, mas seu verdadeiro corpo. *Lilu*.

O tom de sua pele era como a de *sangue* – vermelho-sangue, e seus dedos eram garras. Ele ficou nu em todo o seu esplendor masculino. Musculoso, rígido, e os negros de seus olhos fez o branco em torno deles brilhar. Seu olhar cheio de fome por ela.

Ela foi retirada de seus pensamentos quando ele segurou seu peito em sua mão e beliscou seu mamilo. O clitóris entre as pernas pulsava. Sucos jorraram entre suas coxas enquanto ela se aproximava, arfando e gemendo.

"Eu estava fazendo o que sabia. Repetindo tarefas cansativas, mas são o que eu fui criado *para – desejo*." Sua boca pegou a sua orelha. "Eu perdi o interesse em outro toque, até que você apareceu." Ele sussurrou. "Dói-me muito de novo."

Maciez entre suas dobras deslizou para as coxas.

"Você anseia por mim dentro de você, também." A borda em seu tom atirou para seu clitóris.

"Você não?"

A multidão cresceu alto.

Suas coxas tremeram. "Sim. Ninguém mais. Só você." Ela segurou suas restrições.

Gritos de lances ecoaram na sala. Respirações pesadas de Eravas trovejaram por cada centímetro dela.

A joia que esfregava com as pontas dos dedos pulsava. Ela gritou seu lançamento. Ele apoiou-a contra ele.

"Isto não pode ser." Saint Veronica gritou. "Não. Eu não vou permitir isso." O desespero era evidente no timbre da voz da mulher.

Frio encheu a sala. Um silêncio tomou conta de seus ocupantes.

"Vendido." A voz profunda e masculina reverberou na parte de trás.

Ela foi liberada das restrições. Eravas levantou-a em seus braços, envolveu seu vestido de veludo sobre ela, e levou-a a partir do quarto. Ar girava em torno dela, e ela caiu sobre uma cama.

O que tinha acontecido? Ela tirou a tampa de seus olhos e estava sozinha.

Alguém tinha comprado o direito de romper seu corpo. Ela não sabia quem, por que, nem quando. Lágrimas queimaram os cantos de seus olhos, e ela enterrou o rosto em seu travesseiro.

Capítulo Oito

Um Olhar da Paixão

Madalena acordou. Algo cobriu os olhos. O ar frio caiu sobre ela.

Quase nada escondeu ao corpo. Um material suave. Talvez fosse seu roupão de veludo vermelho, com base na textura. A fragrância de sálvia permaneceu. Ela podia sentir o calor vindo além de seus dedos. Ela estendeu a mão para o tecido em seu rosto.

"Não remova a venda." A voz familiar do sexo masculino realizou grossa.

Esperança foi uma emoção perigosa para alguém em sua linha de trabalho, mas seu coração já tinha traído.

"Eravas?" O tecido debaixo dela se sentiu mais suave do que os de sua cama.

"Lilu. Isso é o que o meu povo me chamou." Ele parecia a poucos metros de distância. "Eravas é o nome da minha forma humana."

Eles não estavam na Casa de Santos, o que significava que ele tinha comprado o direito de romper sua virgindade. Ou isso ou ele foi para prepará-la para algo muito mais assustador.

"Onde... eu estou?"

"Será que isso importa?" Ele perguntou.

Ela não sabia o que perguntar, ele não queria que removesse a venda nem dizer onde estava. Mas ele pode lhe dizer se seria seu primeiro amante. "Você comprou minha virgindade."

"Sim." Fome baixou a voz mais grave ainda.

Excitação disparou através dela e permaneceu em seu coração. Ele queria estar dentro de seu corpo. No entanto, ele não queria que ela o visse. "Não gostaria que eu olhasse para você?"

"Não."

As palavras doíam. "Você não é como eu vi você, um ser humano?"

"Correto."

Ele seria como ela sonhou? Uma mistura de perfeição e imperfeição bem como cada um de nós. "Você não quer ser visto como você é?"

"Correto."

Se ela pudesse ter uma noção do que ele estava pensando ou sentindo a partir de seus movimentos e expressões. "Mas você quer entrar no meu corpo nessa outra forma?"

"Sim, muito mesmo...." Desejo que ela reconheceu em seu tom.

"Então, por que não posso olhar para você, como realmente é?"

Ele limpou a garganta. "Eu não quero ver o desgosto em seus olhos quando olhar-me."

Não importa o que ele era, ela o queria. "Eu sinto muito que você acredita que seria a minha reação."

"É a única reação possível."

"E o que é você?"

"Espírito de um antigo desejo carnal. Minha família cada um trouxe, quer a luxúria, a obsessão, ou desejo. Eu vi somente os caminhos de destruição em torno de alguém, como eu. Não me lembro de alguma vez ser jovem, apenas sozinho. Mesmo antes dos seres humanos caçarem meu tipo, eu havia escolhido uma forma humana e vaguei pela terra."

"Pelo que li de sua raça, a vontade não é exigida de seu amante, então por que você deseja que a mulher se entregue a você, se você não quer que ela o olhe?"

"Inteligente. Eu sou capaz de aparecer como um homem, mas eu nunca tenho estado com uma mulher em minha verdadeira forma." Ele bufou. "Vou retirar sua venda antes de eu quebrar sua virgindade."

"E até lá?"

"Eu vou trabalhar para você se acostumar com a minha sensação e do meu toque. Você tem medo?"

"Não. Mudando o seu nome e sua aparência não pode mudar meu coração."

"Eu ouvi essas palavras antes." Ele chegou mais perto. "Como você prefere que eu te chame?"

"Simone." Ela provavelmente estava quebrando alguma regra, mas não queria ser chamada de outra coisa que não o nome que recebeu ao nascer.

"Apropriado." O ajuste da cama cedendo ao lado dela, e sentiu sua forma grande sobre ela. "Antes de integrar plenamente o meu corpo ao seu, eu gostaria de usar meus dedos para rasgar um pouco o seu selo. Para provar o sangue sagrado de sua virgindade perdida. Mas só se você me der o seu consentimento."

A última vez que alguém tinha acariciado entre as pernas dela com a boca, dor tinha vindo dele, mas desta vez ela sabia o que estava por vir. Em seu leilão, Eravas tinha massageava seu clitóris e, felizmente, não houve dor. Então, ela não esperava que ele a machucasse, esta noite, também. "Você tem o meu acordo a fazê-lo. Obrigada."

"Por?"

"Explicar o seu pedido para mim." Ser incapaz de vê-lo criava distância entre eles. "Será que você falará comigo enquanto está me tocando?"

"Eu posso." A sensação dele foi além de polegadas. Seu calor explodiu contra ela. "Se você quiser que eu faça."

"Isto me dá uma sensação de conforto." Além de seu tempo com ele, ela estava sozinha. Os empregados domésticos vinham e iam, mas quase não falaram com ela. Assim como tinha sido quando ela morava com a família de seu pai, ela teve seu canto, seus deveres, e a Bíblia que sua mãe havia lhe dado.

"Então, você está com medo?" Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. "Nervosa."

"Por quê?"

"Se eu não lhe agradar?" Se ela fosse honesta consigo mesma, sabia que ele tinha deitado com mais mulheres do que podia se lembrar, cada uma com sua própria beleza e talento. Ela tinha certeza disso. "Que você vai ficar desapontado."

"Esperei muito tempo por você e tive mais mulheres do que mil homens devem. Então você apareceu."

"Por que eu?"

"Minhas razões são minhas."

Por que ele não queria que ela soubesse que a achava interessante? "Você vai pegar minha mão?"

Calor suave recolheu a mão dela na sua. Unhas afiadas prorrogaram para além de seus dedos. Ela cortou sua pele na ponta. A mancha de umidade se moveu sobre o corte.

"Mmmm." Ele gemeu. "Você tem um gosto tão puro."

Escavando em seus braços grandes, ele a levantou em seu colo. Ele estava nu embaixo dela. Com cuidado, ele tirou o roupão cobrindo-a. "Você é magnífica."

A palavra a fez lembrar daquelas que ele tinha usado antes. Ela escondeu os seios com as mãos.

"Não se cubra. Eu quero que você se abra para mim. Espalhe para me permitir enterrar em você, de todas as maneiras que você ainda não foi tocada." Essas palavras causaram a inundação de calor entre as pernas.

Ela baixou as mãos para os lados.

Seu polegar acariciou seus lábios. Ela separou-os e provou sua pele lisa.

Salgado. Não diferente da sua sensação e gosto. Atraente.

"E qual é o veredito?"

Ela sorriu para ele, sabendo a razão de seu lambida. "Bom."

Ele esfregou suas costas com a mão.

"Será que eu tenho que provar a sua semente?"

"Não. Eu só gozarei uma vez durante nosso encontro. Quando eu violar sua virgindade."

"Não terei uma amostra de você subindo até a ponta quando está cheio de *desejo*?"

"Sim." Disse ele.

"Posso provar você, então?"

"Você pode." Ele levantou-se e colocou-a sobre a cama.

Ela inclinou as pernas sobre a borda. Seus pés balançando. Lágrimas recolhidas, molhando o material sobre os olhos. Ela queria vê-lo enquanto a tocava.

"Ao contrário de outros da minha raça, eu só me deito com os dispostos. Não vou entrar em você até que seu corpo e mente estejam prontos para me aceitar. Primeiro, sua bunda. Quando você liberar para mim o prazer, vou reivindicar a sua virgindade."

O grande leque de seu torso abriu as pernas. A forma maciça de seu corpo superior baixou sobre ela. Lábios sedosos deslizaram sobre sua pele e sua língua lambia seu peito. Sua respiração quente movia por ela. Ele chupou o outro em seguida, beijou o seu caminho até entre suas coxas. Grunhidos profundos escaparam dele enquanto lambia suas dobras interiores.

Simone realizou sobre os lençóis lisos sob ela. Cada passagem de sua língua elevou sua escalada para... para o que, ela não sabia.

"Você tem um gosto tão doce..." Lilo disse entre pinceladas de sua língua.

Ela estendeu a mão para ele. Ele agarrou ambos os braços e obrigou-os na cama. "Você não pode me tocar." Ele falou em um tom áspero em seguida, soltou. A sensação lisa da boca voltou entre as coxas. Ele empurrou sua língua para as bordas de sua abertura.

Descaradamente, ela apertou-se contra a sua estimulação. Ele segurou seus quadris no lugar, impedindo-a de se mover. Ele virou-a, dobrando entre suas dobras, até seu clitóris e de volta, parando na entrada de sua bunda. Ela enterrou o rosto nos lençóis lisos para abafar os sons que suscitaram dela.

Segurando os lençóis, ela mordeu o material, tremendo através de sua libertação.

Ele chupou o jorro de umidade entre os lábios internos. "Delicioso." A sensação de seu corpo subiu em cima dela. O som de molhado acariciando veio atrás dela.

Ele abriu as pernas. Umidade dificultando para a entrada traseira de seu corpo.

"Relaxe..." Ele esfregou suas costas.

"Por favor. Eu não posso." Ela moveu suas mãos para detê-lo.

Ele segurou seus braços e colocou-os para a cama. "Eu não vou continuar, até que você me peça." Sobre ela, ele permaneceu imóvel. Sua respiração trovejou acima dela.

"Como eu posso levá-lo dessa maneira?"

"Com facilidade." Ele beijou seu pescoço. "Respire lento e profundamente."

Como instruído, ela inalou e exalou. Até agora, ele tinha mostrado seu prazer. Se ele não acreditava que ela iria gostar disso tão bem, não tinha nenhum motivo para fazê-lo, já que ele não tinha a intenção de procurar a sua própria libertação.

"Se você for tensa, vai doer. Relaxe, Simone. Eu quero mostrar-lhe a felicidade." Então ele empurrou seu pênis grande nela. Ele beijou entre as omoplatas enquanto se movia mais para dentro dela. "É isso. Leve-me para dentro."

Cada centímetro dele estava no limite. Ele deslizou sua mão debaixo dela e esfregou seu clitóris. O toque suave de seus dedos deslizou em seus sucos e voltou-se. Ele levantou-a para ele, de pé, forçando mais de si mesmo em seu interior. Grunhidos lhe escaparam.

Ela relaxou e seus pés encontraram o chão frio. Com cada impulso, ele se mexeu mais profundo dentro dela. A dor se dissipou. Tudo o que restava era ele dentro dela e seu toque estimulando-a. Ela engasgou para o ar. Com cada impulso, ele a levou mais perto do céu.

"Não pare, Lilu."

Ele riu. "Como quiser." Dentro e fora, ele trabalhou na abertura apertada. "Você gosta disso, não é?"

"Sim." Seus membros se sentiram em chamas. "Mais, por favor." Suor revestia de seu corpo.

Cada movimento era mais voluntário do que o último. Ele dedilhou seu clitóris.

Músculos espremidos e latejavam. Ela gritou de alegria, flácida em seus braços. Uma lágrima caiu de seus olhos.

Capítulo Nove

O Preço da Liberdade

Simone segurou os braços fortes em volta dela. Delicadamente, retirou-se dela e deitou na cama. Ele pressionou um beijo suave na parte de trás de sua cabeça.

Seu coração acelerou. Ela tremeu e balançou. Um pano quente e úmido passou entre suas dobras e para baixo de sua bunda, a limpeza dela. A água pingava a poucos metros de distância.

"Estou limpando antes de entrar você. Um macho pode sempre ir à frente primeiro, depois no seu traseiro, mas nunca o contrário." Mesmo quando ele deitou com ela, a educava sobre seu corpo e os homens.

"É comum para os homens querer entrar no traseiro e depois na frente?" Relação anal foi sussurrada. Atos de dândis, realizados em becos.

"Embora muitas vezes as mulheres pensem que somos todos iguais, cada um de nós tem nossas preferências individuais."

Homens pareciam desfrutar do prazer. Cada um com seu próprio toque o que isso significava.

"Você prefere sexo dessa forma?"

"Eu gosto de primeiro provar uma mulher." Água espirrava e pingava. "Eu gosto dela para me levar em seu corpo de todas as formas possíveis. Essa é outra razão pela qual eu estou lavando, então você pode me provar. Tome-me em sua boca. Você quer isso, não é?"

"Sim." Ela sentou-se e virou-se na direção do som de sua voz.

Seus passos se aproximando. Ele colocou uma mão atrás de sua cabeça. "Abra seus lábios para mim."

Ela abriu a boca. O frescor enviado de sabão demorou um pouco além. A ponta lisa dele se reuniu com a língua. Ela lambeu, molhando sua carne. Fluido salgado quente coletado na cabeça. Ela colocou a boca junto e bombeou para cima e para baixo.

"Você gosta de ter-me na sua boca?"

Ela assentiu com a cabeça, sugando-o.

Com a mão, ele a guiou de voltar mais rápido. Mais de seu gosto derramando em sua boca. Pelos cabelos ele a escorregou de costas, depois a soltou. Ela sentiu-o ajoelhado em frente a ela.

"É hora." Disse ele. "Você está pronta?"

"Sim, Lilu." Finalmente ela iria vê-lo como realmente era. Não com a máscara que sentiu forçado a usar para outros.

Ele levantou a venda de seus olhos.

Da lareira, amarelo e laranja piscaram no espaço. Ela piscou para se concentrar na iluminação fraca. O tom de sua pele era escuro. Vermelho-sangue e enegrecido, asas dobradas penduradas atrás dele. Nas pontas estavam ganchos como garras. Ele se ajoelhou, nu, sua ereção grande claramente visível. Linhas musculares, rígidas e contornos angulares em seu físico. Ele era perfeito. O branco de seus olhos pareciam brilhar em torno de suas íris pretas. Ela podia ver o seu próprio reflexo dentro.

Tristeza realizada em sua alma. As qualidades humanas de seu rosto deu-lhe uma beleza estranha.

A visão dele não a assustou. Ela se inclinou e beijou seus lábios cheios, escuros.

Uma emoção disparou através dela. Ele não se moveu. Uma lágrima arrastou para baixo de sua bochecha. Com a ideia de ele ser o primeiro a reivindicar o seu corpo em todos os sentidos, o calor e a umidade preenchida entre suas pernas.

Ele puxou de volta. "Por que você fez isso?"

"Eu queria te beijar." Disse ela. Era difícil imaginar nunca ser você mesmo quando fisicamente íntimo com outra pessoa. "Acho que você é lindo."

Ele a olhou por um momento longo. "Ensinei bem."

"Eu sinto muito o que tem feito para sentir que tem que esconder quem você realmente é do mundo, mas eu vejo beleza." Ela tocou seu nariz, arrastando a ponta do dedo ao longo de sua testa.

Ele beijou sua testa. As lágrimas em seus olhos. "Deite-se e abra as pernas para mim. Eu quero provar o sangue de sua inocência antes de reivindicá-la."

Antes que ele me reivindique.... Conforme solicitado, estendeu-se na cama e abriu as pernas. A sensação quente e úmida de sua língua recolhido o inchaço de umidade. Ele gemeu. Tudo o que ela queria era tocá-lo enquanto lhe dava prazer, mas ficou imóvel.

Ele apertou um dedo para sua abertura. Desconforto moveu por ela. Ela agarrou os lençóis e esmagou os lábios. Ele rodou a área dolorida.

Após isso, ela seria diferente. Sua para sempre. Ela sabia disso e assim fez seu coração.

Ele levantou, lambendo os lábios. Fome brilhava no seu olhar. "Obrigado." Com seu lado, ele a levantou e se ajoelhou na cama entre as pernas. "Você me dá sua inocência de bom grado, Simone?"

Esse demônio não era um estranho para ela. Ela o conhecia bem. Lilu. Eravas. O seu coração o pertencia. "Sim."

"Você me honra." Ele passou uma de suas pernas em volta de sua cintura, então guiou a cabeça de seu pênis para sua abertura e empurrou. O quarto foi quente, mas ela estremeceu em seus braços. Sua largura esticou a pequena abertura. A verdade era que ele era o único homem que ela queria dar-se, sempre. Ela apertou sua mandíbula em desconforto. A dor que acolheu, para juntar seu corpo ao dele. Ele balançou para dentro dela, empurrando mais de sua espessura em seu corpo. Talvez suas palavras fossem verdade? Ela era a única humana que ele se deitou com a sua verdadeira forma. Era difícil descobrir o porquê.... Mas a alegria cresceu dentro. Ela foi a primeira mulher a amar Lilu.

"Você é tão pequena." Ele sussurrou em seu ouvido. "Eu nunca quis ninguém como quero você, Simone."

Ela enrolou seus braços em torno do pescoço dele. "Você é tudo que eu quero, Lilu."

Levantou-se e olhou em seus olhos.

"Você é o único que me honra." Ela sorriu para ele.

"Você não sabe o que diz." Ele a beijou, separando os lábios com a língua e encheu. "Mas sou grato pela mesma coisa."

Ela amamentou seu lábio. "Eu te amo." Mais dele se intrometeu em seu interior. Ela queria que isso nunca acabasse, ele deixar de estar dentro dela. A vida era muito curta. Ela

resistiu a ele, conhecendo o seu impulso. A fome que ele a introduziu tinha um poder sobre ela.

Apesar da dor dele invadindo, ela *desejava* mais.

"O aperto me surpreende." Ele abriu os lábios com os seus, e bebeu-a dentro. "A dor é insuportável?"

"Eu preciso de você dentro de mim." Disse ela.

Dentro e fora, ele trabalhou sua maneira mais profunda. "Simone."

Ela segurou em cima dele, o seu próprio corpo repleto de felicidade. "Lilu." Lágrimas deslizaram nos lados de seu rosto.

Seus movimentos cresceram erráticos. Calor inundou dentro quando ele empurrou a profundidade nela. A poucos empurrões seu corpo seguiu. Ele ficou imóvel em cima dela.

Gotículas escorregaram de seus olhos em seu rosto.

Ela acariciou as lágrimas. "Eu espero ter valido a pena?"

"Deus, sim." Ele apertou-a com força e beijou sua bochecha. "Eu te amo. Eu te amei desde o momento em que estava sentado na parte de trás da sala. Seu coração irradiava tanta beleza. Cada vez que estava perto, você escavava em mim."

Como seu corpo mostrou o desgaste de sua profissão o seu interesse não desapareceu, mas hoje o que ele tinha dado a ela era sagrado e teria cuidado dele para sempre.

"Eu comprei a sua liberdade." Ele apontou para o papel sobre a mesa próxima e se retirou de seu corpo.

A ausência dele dentro dela gelou o coração.

"Quando você sair daqui está livre. Você deve ter uma casa e dinheiro para cuidar de si mesma e de seus irmãos. Uma vida modesta, mas sem a necessidade de pedir ou tomar homens estranhos à sua cama, se você não quiser. A escritura de uma casa pequena, com alguns terrenos também. Ninguém vai incomodá-la lá."

Sem ele dentro dela, se sentia vazia. "E você vai me ver?"

"Não. Esta é a última vez que vamos ver um ao outro." Ele levantou-se e cobriu-se com um manto.

Ela não queria isso. "Por quê?"

"É parte do preço da sua liberdade." O que ele concordou em fazer por ela?

"Qual foi o preço? Tudo. Diga-me, por favor." Fumaça movia em torno dele e ele apareceu como Eravas, o humano. Ela perdeu a visão de sua verdadeira forma.

"A minha alma."

Ela engasgou. "O que? Não estou entendendo. Isso não pode ser."

"Agora, Lúcifer esperou um longo tempo para se deparar com a mulher com que eu lhe daria minha alma. Eu nunca a estarei vendo depois de hoje à noite."

"Por que você concordou com isso?"

"Eu não poderia assistir a bondade sugada de você uma noite no tempo. Eu te amo. Nunca interferei, mas chamou-me. Eu queria ser o que você viu em mim."

Ela se cobriu com seu roupão. "Por favor, leve-o de volta."

"Não é possível, e mesmo se eu pudesse não iria. Congratulo-me com uma eternidade de escuridão para libertá-la." Ele beijou sua testa e desapareceu.

O quarto foi ainda. Os lençóis brancos foram corados em sangue. Sua inocência foi em mais maneiras do que uma.

Capítulo Dez

Libertação

Muitas vezes os pensamentos de Simone derivaram para Eravas, para Lilu, e a dor que ele deve suportar no Inferno por sua liberdade. Seu coração estava pesado. Meses tinha escorrido por ela, mas não daria a esperança de que ele também seria libertado pela graça de Deus. Ela não iria vê-lo novamente, mas orou por ele ainda.

Charles e Louis jogavam fora enquanto ela assistia. Tendo-os em casa aliviava seu coração pesado. Para isso, ela colocou uma cara séria. Amanhã, eles iriam voltar para a escola para outro semestre. Eles se davam bem com os outros alunos.

Embora ela odiasse mesmo o pensamento disso, ela precisava de um homem por perto. Ela poderia encontrar um marido? Alguém para ensinar seus irmãos sobre as mulheres e a vida? Ela só podia fazer muito em torno da propriedade. Talvez ela viesse a amar esse homem. Se não, ele poderia fornecer-lhe companhia? O que o homem desejaria dela?

Apesar de sua pele não ser escura, ela não era justa também. Ela não era alguém que pudesse *passar*. Nem queria viver na clandestinidade. Os únicos homens que gostariam que ela fosse, eram os que ela não gostaria.

"Você acha que seria prudente levar um homem?" A voz de Eravas veio de trás dela.

Ela virou-se para encontrá-lo ali em carne. A forma humana. "Você é real?"

"Pele, osso e sangue real." Disse ele. "E na forma Lilu, também."

Ela pulou em seus braços. Ele a levantou, segurando-a firme. Ela cobriu o rosto com beijos. "Como é que você está aqui? Não que isso importe."

"Parece que há uma pequena cláusula sobre desistir de sua alma para a liberdade de outro, ser um sacrifício digno de redenção. Quando Lúcifer recolheu minha alma, teu Deus interveio. Fui levado para o céu. Minha alma restaurada."

"Eu senti tanta sua falta." Ela mal podia acreditar que era real. Que ele estava com ela.

"Como eu, Simone." Ele a abraçou apertado. "Será que você vai ter-me?"

"Muitas vezes, eu espero." Ela sorriu.

"E eles se perguntaram por que eu escolhi uma vida humana com você sobre deveres celestes. Eu só posso imaginar que é porque eles nunca conheceram o amor de uma boa mulher." Ele chegou sob suas pernas e a embalou perto.

"Você me escolheu?" Parecia inacreditável que a opção do Céu, ele voltaria para estar com ela.

"Eu sempre vou buscá-la quando é dada uma escolha." Suas palavras enviaram calor subindo para o seu coração. "Nós devemos casar por causa dos meninos."

"Não é porque você quer casar comigo?" Queria que ele ansiasse por uma vida com ela.

"Eu não quero sair muito carente." Ele sorriu. "Quer se casar comigo, Simone?"

"Dado que esperava sua alma para mim uma vez e escolheu estar comigo sobre o céu, não vejo como posso recusar."

"Na frente do seu Deus, eu espero que você prometa seu amor a mim por toda a eternidade."

Já não tinha lhe mostrado que seu coração pertencia só a ele? Pensei.

"Até que a morte nos separe?"

"A morte não pode nos separar. Disso eu tenho certeza."

"Vou cobrar isso de você." Ela inclinou um sorriso e piscou para ele.

Ele passou os braços em volta dela e beijou-a suavemente. "Acho que Deus, também."

FIM



Acesse meu blog: <http://angellicas.blogspot.com>